

Sergio Macedo Renato Silva

Conquista





SUMÁRIO DO NÚMERO 4

A PRIMEIRA BANDEIRA DO BRASIL	97
Caxias — Gustavo Capanema	98
JUDITE E HOLOFERNES	99
As mulheres da Bíblia — Sérgio Macedo	100
O ADVOGADO DOS INCONFIDENTES	101
Pelos réus — José de Oliveira Fagundes	102
WATERLOO	103
A morte de Napoleão — Ch. Moreaux-Vauthier	104
OS LANCHÕES DE GARIBALDI	105
Anita Garibaldi — Mal. J. V. Leite de Castro	106
LI-PO, O ENAMORADO DA LUA	107
A literatura chinesa — Sérgio Macedo	108
AS CAMARAS	109
Administração colonial — Diogo de Vasconcelos	110
A MORTE DE CÉSAR	111
A educação de César — Felix Desnemesnil	112
TERRAS DO OURO	113
Ouro!! — Pedro Calmon	A A
Ouro!! — Pedro Calmon O SANTO GRAAL A Távola-Redonda A TRAGÉDIA DE JOSE' LEANDRO	#15
A Távola-Redonda	146
A TRAGEDIA DE JOSE' LEANDRO	eI17
Um artista colonial — Sérgio Macedo	118
CORTEZ CONQUISTA O MÉXICO	110
Os conquistadores espanhóis — F. A. Kirpatrick	120
O CLARIM DO 42 —	121
A ofensiva paraguaia — Gustavo Barroso	122
O ULTIMO AMOR DE BALZAC	123
Madame Hanska — Sérgio Macedo	124
NA FORCA, NÃO!	125
A vaidade do condenado	126
AS GALERAS	127
Galés — Sérgio Macedo	128

SELEÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL E DO MUNDO

Desenhos de Renato Silva — Legendas de Sérgio Macedo. Sairá um álbum por mês. Preço de cada um: Cr\$ 10.00. Remete-se pelo Reembôlso Postal. Os números do mês serão encontrados nas bancas de jornais e nas livrarias os atrasados serão encontrados sòmente nas livrarias ou na editóra.

CONQUISTA

AV. 28 DE SETEMBBRO. 174 - RIO DE JANEIRO

SUMÁRIO DO NÚMERO 5

BANDEIRANTES-MENINOS	12
Um bandeirante curioso — Afonso d'Escragno-	2
le Taunay	13
IRMÃO FRANCISCO	13
Os franciscanos	13
A REVOLUÇÃO DO VINTEM	13
O impôsto do vintém — Melo Barreto Filho	
e Hermeto Lima	13
OS ALQUIMISTAS	13
Alquimia e medicina — Sérgio Macedo	13
MARCILIO DIAS	13
O grande marinheiro — Gomes Cardim	13
O CAMINHO DAS ÍNDIAS	13
A expansão geográfica — Estêvão Pinto	14
AS AMAZONAS	14
As nascentes do Amazonas — Mário da Vei-	
ga Cabral	14
A VALSA DO ADEUS	14
A morte de Chopin - A. Morin-Labrecque	14
O ENSILHAMENTO	14
Ensilhamento e inflação - R. Haddock Lôbo	14
EDITE CAVEL	14
Antecedentes da Primeira Guerra Mundial —	
Alcindo Muniz de Souza	14
AS CASAS DE FUNDIÇÃO	14
As oficinas dos quintos — Sérgio Macedo	15
CHINA, IMPERATRIZ DA MINIATURA	15
Porcelanas — Sérgio Macedo	15
CIDADE DO RIO	15
O Rio começa — Sérgio Macedo	15
SALOMÉ	15
O homem que batizava — André Constantin	15
O FIM DE ALMEIDA JÚNIOR	15
O pintor Almeida Júnior — Carlos Rubens	15
	15
UMA FRAQUEZA DE VOLTAIRE	16
A propósito de Voltaire	10

SELEÇÕES DA HISTÓRIA EM BELISSIMA ENCARDENAÇÃO

Por solicitação de leitores que desejam guardar seus exemplares de SELEÇÕES DA HISTÓRIA, ou oferecê-los a parentes e amigos, resolvemos mandar encadernar essa publicação em tomos de 10 fascículos, num total de 320 páginas cada tomo, ao preço de Cr\$ 150.00 cada, trabalho esmerado em percaline e douração de primeira. Como se trata de quantidade limitada seria conveniente que os interessados solicitassem desde já a reserva dos seus exemplares, para entrega em março de 1955, época em que, com a publicação do fascículo n.† 10, será lançado o 1.º tomo encadernado. Pedidos, desde já, α CONQUISTA. Av. 28 de Setembro. 174 — Rio. (Pagamento contra a entrega).

SUMÁRIO DO NÚMERO 6

A EPOPEIA DA LAGUNA	161
O abandono dos coléricos — Visconde de Taunay	162
ASPÁSIA	163
Mileto, Pátria de Aspásia — Sérgio Macedo	164
A DESCOBERTA DA GUANABARA	165
A Baía de Guanabara — Mário da Veiga Cabral	166
MENE, TECEL, FARES	167
Babilônia — R. Haddock Lôbo	168
O ASSASSÍNIO DE DUCLERC	169
Os Franceses no Brasil - Ary da Matta	170
AS CATACUMBAS	171
Os mártires - R. Haddock Lôbo	172
LUIS GAMA	173
O Escravo — Sérgio Macedo	174
A NOITE DE SÃO BARTOLOMEU	175
O Calvinismo — Estêvão Pinto	176
O AUTOMÓVEL CHEGA AO RIO DE JANEIRO	177
Os Primeiros Automóveis — Noronha Santos	178
A INGLATERRA LEMBRA-SE DA AMÉRICA	179
América Colonial Inglêsa — Antônio José Bor-	
ges Hermida	180
GUAIRÁ	18
A Tragédia de Guairá — Alfredo Ellis Júnior	182
APIS	183
de Carvalho	184
O DRAMA DE GONÇALVES DIAS	183
A Poesia de Gonçalves Dias — Ronald de Car-	104
valho	186
RASPUTIN	188
A execução de Rasputin	
O EXILIO DE D. PEDRO II	
O Ocaso do Império — Oliveira Viana	19
Poesia e Misticismo Indu — Sérgio Macedo	19:
roesia e Misticismo indu - Scrgio Macedo	13

O SR. JA SABE QUE CARREIRA VAI SEGUIR O SEU FILHO?

A carreira militar, em qualquer dos seus ramos é a única, no Brasil, em que os alunos GANHAM PARA ESTUDAR.

O livre de Tte, Valmiro R. Vidal — COMO FAZER A MATRICULA NAS ESCOLAS MILITARES — contém instruções e programas para ingresse em cêrca de cinquenta estabelecimentos de ensino militar. Preço Cr\$ 80,00. Pedidos à editêra CONQUISTA — Av. 28 de Setembro. 174 — Rio de Janeiro



NÃO HÁ IDÉIAS SEM MÁRTIRES, TAL-VEZ ESTIVESSE PENSANDO AGOSTINHO BEZERRA QUANDO O CARRASCO LHE PASSOU O BARAÇO AO PESCOÇO. E POR ISSO RECUSARA ANTES A FUGA...



3 — Bem-redigida representação foi entregue a Lima e Silva para que a encaminhasse ao Imperador, o que gostosamente fêz o militar, tanto mais que já andava farto de mandar tanta gente à fôrca. O mesmo acontecia no Ceará, aliás, onde Jacó de Niemeier se cansava de matar em nome do govêrno. Mas Pedro I, por um capricho não satisfatòriamente explicado, fazia questão de castigar com mão de ferro todos os participantes da rebelião fracassada. E recusou o perdão que lhe era insistentemente solicitado. Agostinho Bezerra tinha que morrer, como os demais.



1 — O notável Oliveira Lima, ao prefaciar a conhecida obra de Muniz Tavares a respeito da revolução pernambucana de 1817, disse haver sido então que «α παςᾶο aprendeu a combater e morrer pela liberdade». Não concordamos com α expressão «aprender a combater pela liberdade». Não souberam, então, lutar em defesa da liberdade todos os que foram sacrificados antes daquela data? Mas é exatíssimo, em compensação, o conceito «morrer pela liberdade», porque os homens que participaram dos movimentos rebeldes posteriores tiveram verdadeira volúpia da morte.



4 — Está-se em plena semana santa quando chega a resposta imperial ao pedido de clemência. Chega, também, veemente censura ao militar que lhe fizera chegar às mãos o papel, e a recomendação de que os condenados fôssem executados sem demora. Arma-se, então, um grande plano. Os carcereiros são peitados e alta-noite penetram na cela de Agostinho Bezerra, vários homens que o convidam a fugir. Está tudo preparado, nada falta. Todos os detalhes da fuga estão planejados. A escuridão da noite e a conivência de muitos garantem o êxito da empreitada.



2 — Fizeram questão, na verdade, de morrer pelas idéias que defendiam, resultando, muitos dêles, escapar às responsabilidades. Foi assim com o famoso padre Mororó, do Ceará, que recusou o asilo que lhe ofereceram a bordo de um barco. Foi assim com Agostinho Bezerra, personagem muito querido do comércio do Recife, que, certa vez, fora por êle salvo da fúria popular, conquistando-lhe eterna gratidão. Por isso mesmo quando Agostinho Bezerra foi prêso, movimentaram-se os negociantes pernambucanos, em sua defesa, num movimento de solidariedade que deveria ter impressionado as autoridades.



5 — Mas o prêso decepciona os amigos — Não quero fugir, responde insistentemente. Indagam-lhe o motivo e êle responde que «um patriota não foge». Procuram mostrar-lhe a inutilidade do sacrifício, procuram convencê-lo de que vivo poderá ser mais útil às idéias que defendera com tanta energia. Nada o demove. «Um patriota não teme a morte», vai repetindo, enquanto empurra para fora os que pretendiam restituir-lhe a vida. Com admirável serenidade subiu êle os degraus do patíbulo. Não há idéias sem mártires, talvez estivesse pensando quando o carrasco iniciou seu ofício...

A Revolução de 1817

movimento republicano de 1817, em Pernambuco, resultou de numerosos fatos: a velha rivalidade entre reinóis e mazombos, de «marinheiros e cabras»; a influência das idéias liberais francesas; o exemplo das colônias espanholas em luta emancipadora; o atraso no pagamento dos soldos à tropa; a impopularidade da guerra da Cisplatina; a crise do algodão, após o término da guerra entre os Estados Unidos e a Inglaterra; a ação das sociedades secretas, maçônicas ou não; as tradições militares de Pernambuco; o fraco govêrno de Caetano Pinto, e muitas outras.

A sociedade pernambucana mostrava-se mais adiantada intelectualmente do que o resto do Brasil. Os padres, regulares e seculares, cultivavam os conhecimentos filosóficos, divulgando as idéias enciclopedistas revolucionárias. O padre João Ribeiro fundara uma biblioteca popular, pequena mas selecionada. O bispo Azevedo Coutinho fizera do Seminário de Olinda um centro irradiador de cultura. As numerosas sociedades secretas promoviam banquetes onde atacavam o absolutismo português e arquitetavam a revolução.

Entre elas citamos as de nomes «Patriotismo», «Pernambuco no Ocidente», «Academia do Paraíso» e a «Universidade Secreta», esta de Antonio Carlos.

Muitas reuniões efetuavam-se na casa do negociante Domingos José Martins, que regressara de Londres em 1814, onde tinha sociedade numa casa comercial.

Martins nasceu no Espírito Santo, no Caxangá, hoje cidade de Itapemirim.

Veio a casar-se com a filha de um negociante português, rico.

Possuía um engenho no Cabo, onde também se reuniam os revolucionários. Anualmente, na Igreja de Nossa Senhora da Estância, comemorava-se a vitória de Henrique Dias contra os holandeses; em 1817, por insultos ao Brasil por parte de um reinol, foi êste surrado por um oficial negro do Regimento dos Henriques.

Exaltaram-se os ânimos. O governador recebeu denúncia dos preparativos revoltosos, pela delação do ilhéu José da Cruz Ferreira.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquês da Vila Real da Praia Grande, governava Pernambuco, desde 1804; não conseguira o mesmo resultado obtido em Mato Grosso. Chacoteavam-no os pernambucanos chamando-lhe «Caetano», no nome, «Pinto», na falta de coragem, «Monte», na altura, e «Negro» nas ações.

Em ordem do dia, a 4-3-1817, conclamou os pernambucanos a evitarem os «homens empestados» de novas idéias que os procuravam enganar com «falsas sugestões». A 5 e a 6; seguiram-se uma proclamação e a reunião do conselho militar, que deliberou prender os suspeitos. Dos civis, encarregou-se o comandante de milicias, marechal José Roberto; prendeu Martins e mais alguns. Dos militares encarregou-se o brigadeiro de artilharia Manuel Joaquim Barbosa de Castro. Ao invés de executar as prisões nas casas dos acusados, preferiu fazê-lo no próprio regimento de seu comando.

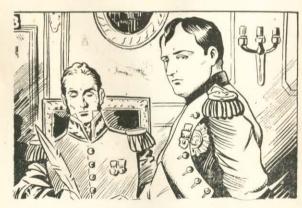
Ao censurar o capitão Domingos Teotônio Jorge, êste retrucou com energia; foi enviado para o forte das Cinco Pontas. Quando o brigadeiro se dirigiu ao capitão José de Barros Lima, o Leão Coroado, êste o atravessou com a espada.»

JOSE' FERREIRA DA COSTA

«Livro-texto de História do Brasil»



A 5 DE MAIO DE 1821 TERMINAVAM OS SUSTOS DAQUELE INCRÍVEL E RIDÍ-CULO HUDSON LOWE, GOVERNADOR DE S. HELENA, QUE SE APAVORAVA COM FEIJÕES. NAPOLEÃO ESTAVA MORTO!



3 — Em abril do ano seguinte, 1816, a Inglaterra muda o governador da ilha, enviando um homem com vocação de carrasco: Hudson Lowe, que tem cara patibular e nenhuma educação. Hudson Lowe parece ter verdadeiro pavor de que seu prisioneiro possa tramar algo. Suas suspeitas e exigências tocam as fronteiras do ridículo. Carta vez, porque Napoleão se divertisse a plantar feijões de care branca e verde, escreveu êle a Lord Vathurst, uma carta rede indaga se os feijões verdes e brancos não teriam alguma islação com a bandeira branca dos Bourbons, e com o pano verde do uniforme de Bonaparte...



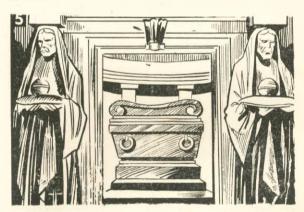
1 — Perdida a batalha de Waterloo, Napoleão regressa a Paris, a 21 de junho de 1815 e abdica. Parece resolvido a transportar-se à América. Todavia, a 15 de julho, em Rochefort, comparece a bordo do navio inglês «Belerophen», dizendo ao comandante: «venho colocar-me sob a proteção das leis da Inglaterra». O barco inglês ancora em Plymouth. onze dias mais tardo, e a 29 chega um comunicado oficial ou de se declara que a ilha de Santa Helena é fixada para residência do general Bonaparte. Napoleão irrita-se: sou hôspede, não prisioneiro, diz. E acrescenta: Vim livremente.



1 — Napoleão passa os dias ditando suas Memórias ao Conde de Las Casas, procurando distrair-se com passeios a cavalo e jardinagem. Aborrece-se, porém, diante da estreita vigilância a que o submetem, e abandona tão simples passatempo. Enerva-se, então. Gigante de atividade, a inatividade esgota suas fôrças. Sua enfermidade do estômago (mal he re d itário) agrava-se, sendo cada vez mais freqüentes as dôres, que o fazem sofrer g ran de mente, e guardar o leito durante infindáveis dias em que seu espírito se tortura.



2 — Transferido para bordo do «Northumberland», chega a Santa Helena a 15 de outubro, após longa e fatigante travessia de dois meses. Santa Helena, a ilha de 44 quilômetros de circunferência, perdida no oceano, a dois mil quilômetros da áfrica era um verdadeiro presídio. Napoleão é alojado em casa de um comerciante, Malcomb, onde fica até 10 de dezembro, quando é transferido para a residência de Longwood, velha construção de um só pavimento, úmida, novoada de ratos, bastante desagradável sob todos os pontos že vista.



5 — A 15 de abril de 1821, êle dita as seguintes palavras:
«desejo que minhas cinzas repousem nas margens
do Sena, no meio dêsse povo francês que tanto amei». Pressente a morte, que chega, finalmente, às seis horas da tarde de 5 de maio de 1821. Três dias mais tarde é inhumado na própria ilha, ao pé de um salgueiro que estimava, onde permaneceria até 1840, quando seus restos mortais voltariam à França para repousar definitivamente
nos Inválidos, em túmulo especialmente construído para êsse
fim, terminado em 1853.

Santa Helena

«Northumberland», vaso inglês, leva Napoleão para Santa Helena. O almirante Cockburn recebe ordem de tratá-lo como se fôsse general inglês em disponibilidade. As pessoas que o acompanham são o grande Marechal Bertrand, os generais Gourgaud e Montholon, o Conde de Las Casas, Mmes. Bertrand e de Montholon e o criado-dequarto de Marchand.

Quando vai sôbre a ponte, o imperador toma o hábito de se apoiar a um canhão a que os inglêses depressa começam a chamar de «o canhão do imperador». Êle mantém com os seus companheiros longas conversas sôbre o fim de sua carreira e as suas campanhas do Egito. Las Casas disse-lhe: «Sire, escrevei como César. Sêde vós próprio o historiador de vossa História.» Êle respondeu logo: «Que a Posteridade se arranje como puder. Tenho confiança na História.»

Ditou a Las Casas a «Primeira Campanha da Itália» e a Gourgand a «Campanha do Egito».

A travessia levou mais de dois meses, exatamente setenta dias.

A 15 de outubro, o «Northumberland» atinge Santa Helena e ancora no pôrto de Jamestown.

A ilha de Santa Helena, que não mede mais de quarenta e quatro quilômetros de circunferência, está perdida no oceano, a cêrca de dois mil quilômetros da África. O seu solo é árido, as suas costas inabordáveis, exceto num ponto; alguns raros navios fazem escala no pôrto de Jamestown.

O imperador hospeda-se a princípio em casa de um negociante chamado Balcombe, em Briars, instalação miserável onde o prisioneiro ocupa os seus dias em longos ditados.

A 10 de dezembro deixa Briars para ir habitar Longwood, organizado especialmente para êle. A vivenda é um pouco mais confortável, mas muito pouco. E' uma espécie de construção de herdade, de um só andar, onde os ratos estão instalados.

A parte reservada a Napoleão compreende cinco peças: uma que vai servir de antecâmara e de sala de jantar; uma segunda que será a sala de visitas; outra, mal iluminada, que guardará desde logo as cartas e os livros do imperador; e, em seguida a esta peça, encontra-se o aposento particular do ilustre prisioneiro, composto de dois pequenos quartos.

O local é batido por ventos violentos e nêle reina umidade doentia.

«O senhor de tantos palácios, escreveu um inglês, Lord Roseberry, estava reduzido agora a dois pequenos quartos de iguais dimensões, de pouco mais ou menos quatorze pés por doze, e dez ou onze de alto.

Cada um é alumiado por duas pequenas janelas. Num canto, o pequeno leito de campanha, onde dormiu Napoleão na véspera de Marengo e Austerlitz. Um biombo mascara o quarto do fundo. Entre o biombo e o fogão, o canapé em que Napoleão passava a maior parte do dia.

No meio de tôda essa miséria, um magnífico serviço do toilette, jarro, bacia de prata, etc., ostentava o seu inspirado esplendor.

Depois, algumas lembranças: uma pintura de Isabey, representando Maria Luísa, que vivia então feliz e despreocupada em Parma; dois retratos por Thibault, do rei de Roma, a cavalo num carneiro e calçando o seu chinelo; um busto do filho, uma miniatura de Josefina.

Na parede do quarto, suspenso, o despertador do grande Frederico tomado em Potsdam, e o relógio usado pelo primeiro Cônsul na Itália, com uma trança do cabelo de Maria Luísa em feitio de cadeia.

E' ali que o imperador vai sofrer mil injúrias por parte dos seus carcereiros.»

CH. MOREAU-VAUTHIER

«Napoleon», ed. Hachette.

OATENTADO CONTRAO IMPERADOR

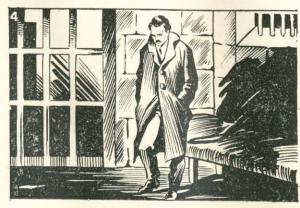
QUANDO TUDO PARECIA SERENADO, OUVIU-SE AQUÊLE DISPARO. UM JO-VEM DE VINTE ANOS ATIRAVA CONTRA A CARRUAGEM ONDE SE ENCONTRAVA O VELHO IMPERADOR E SUA FAMÍLIA



3 — Em companhia de conhecidos esvaziara vários copos Ao sair da taberna, declarara pretender assistir à saída dos espectadores do Teatro Santana, afirmando que «ia dar um tiro no imperador» e fazendo profusa distribuição de cartões com o seu nome. Foi bem diferente, porém, a versão dada ao caso pelo interessado. Declarou Adriano, com efeito, que um grupo de amigos o havia obrigado a beber absinto, o que o perturbara completamente. Depois de vários copos, haviamlhe fornecido uma arma. Para que quero isso? — perguntara, espantado.



1 — No dia 15 de julho de 1889, o velho Imperador Pedro II saía do Teatro Santana, onde assistira ao espetáculo de estréia da violinista Giulieta Dionesi, dirigindo-se para a carruagem que o esperava. Nesse momento, de um grupo de populares partiu um grito: «Viva a República!» O brado foi respondido com vivas à monarquia e à família imperial, e o imperador foi cercado por populares que lhe davam vivas. Movimentou-se, então, o piquete de cavalaria. A um gesto do monarca, porém, limitaram-se os soldados a contemplar a cena, sem afastar a multidão, como era seu intento.



4 — A resposta foi que deveria comparecer ao Teatro Santana e atirar sôbre a carruagem do imperador. A princípio revoltara-se contra a idéia. Mas os conhecidos havininsistido, mostrando o «heroísmo» da ação, e êle, finalmente, partira a cumprir o recado... Na prisão, o rapaz ficou sob severa e constante vigilância, dado que se afirmava ser pensamento seu praticar o suicídio. E se isso acontecesse, argumentavam as autoridades, a propaganda republicana saberia tirar grandes proveitos do fato. Por isso, Adriano não ficou só um único momento de sua estada entre as grades.



2 — Parecia tudo solucionado quando, de repente, se verifica um disparo contra a carruagem em que já se encontrava o imperador e sua família. Correrias, pânico e o autor do atentado, valendo-se da confusão, conseguiu escapar. Na madrugada seguinte, todavia, era aprisionado na rua Gonçalves Dias. Tratava-se de Adriano do Vale, de 20 anos de idade, empregado no comércio, sem trabalho no momento. Conduzido à Central de Polícia, declarou-se «honrado com o motivo da prisão». Apurou-se, então, que o jovem, morigerado, estivera bebendo na noite do atentado.



5 — Já era República quando Adriano do Vale foi levado a julgamento. Com efeito, era 23 de novembro de 1889 quando o Júri, presidido pelo juiz Holanda Cavalcanti, funcionando como acusador o promotor Lima Drumond, apreciou o atentado contra o «Sr. Pedro de Alcântara». Adriano do Vale foi absolvido por dez votos contra dois, dado que a maioria dos jurados respondera negativamente ao 1º quesito da acusação. Em outras palavras, os dez jurados afirmaram que Adriano do Vale «NÃO havia desfechado o tiro de revólver contra o ex-imperador»...

O Democrata Pedro II

«DEDRO II não podia ser senão um rei democrata.

Quisesse ter outro tom, encontraria no país tôdas as hostilidades de tradições e ambientes.

Mas foi o próprio destino que o preparou para ser o suave, o extraordinário, o encantador monarca que encheu mais de meio século de nossa História.

Deu-lhe aquêle pai avoado que foi Pedro I, mas em compensação lhe deu aquela mãe dulcíssima e sofredora, a pobre Dona Leopoldina, que, no fausto do palácio imperial era, pelos desmandos do marido, mais infeliz que a mais desgraçada de suas súditas.

E quando, em tenra idade, lhe tirou o aconchêgo materno, entregou-lhe o regaço vigilante e protetor daquela mulher admirável que se chamou Dona Maria Carlota Verne de Abreu.

Tudo a sorte lhe trouxe para dulcificar-lhe o coração e amoldá-lo ao contato do coração do povo, tudo, até o sofrimento. Fê-lo órfão de mãe mal começava a andar, levou-lhe o pai para a Europa, quando tinha apenas seis anos.

Desde menino que teve todos os elementos a mostrar-lhe que um príncipe, mesmo com um trono aos pés, é um homem como qualquer outro. Não havia ainda aberto os olhos do entendimento, estava no temporal do sete de abril e, horas depois, na longa e sangrenta borrasca da Regência.

Chegava-lhe aos ouvidos alarmados o ulular do povo em revolta; durante nove anos em que o seu espírito infantil ia acordando, só ouviu, sofrendo certamente, gritos de luta, agonias, dissenções, combates.

Ao vir a Maioridade, tinha a alma nivelada à alma das ruas.

E todo o seu longo reinado foi de absoluta fraternidade, de absoluta intimidade com o elemento popular. Talvez tivesse sido o mais simples, o mais suave, o mais doce, o mais liberal, o mais democrata dos monarcas que tenham passado pelo planêta.

Acusam-no de ser cioso de suas prerrogativas, rigoroso nas exigências dos protocolos, exigente nas regras de pragmática, quando se apresentava na Côrte.

E' possível. Era isso a feição ingênua, a feição infantil do seu caráter. E nada mais explicável na vida. A bondade de D. Pedro II era tão alta e tão larga que lhe prejudicava, de certo modo, a energia. Era o Pedro Banana no bom-humor trocista dos brasileiros.

Ele sabia disso e queria fingir que era enérgico, que tinha vontade potente. E como não possuía, no fundo, energia real, procurava fingi-la, mostrando-a nas exterioridades. E' a maneira usual dos fracos. Fingia que sabia mandar e que mandava.

Conta Ernesto Matoso que, no Paraná, na inauguração da «Compagnie des Chemins de Fer du Brésil», pelo simples fato de o programa das festas ter sido organizado à revelia do imperador, D. Pedro desorganizou-o completamente, mudando para três dias depois um grande banquete que já estava pôsto à mesa e que custara mais de trinta contos.

Capricho? Perversidade? Não. Intenção infantil de mostrar que o monarca era êle, que não se despia das prerrogativas imperiais, que quem mandava era êle, o chefe da Nação.

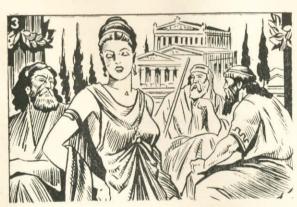
Mas, no fundo, era a mais encantadora das criaturas. Desde que não estivesse em foco a sua qualidade de imperante, desde que entrasse no ambiente da intimidade, era a doçura, a simplicidade, como nunca foi nenhuma outra cabeça coroada.

Misturava-se com o povo; andava na rua como qualquer mortal, com a sua sobrecasaca e o seu guarda-chuva debaixo do braço; dava em casa alheia a presidência da mesa ao dono da casa; chamava inferiores para a sua mesa»...

VIRIATO CORREIA «Baú Velho»



«HAVERA' UM ATENIENSE CAPAZ DE CONDENAR ÈSTE CORPO?». À INTERRO-GAÇÃO DE HIPÉRIDES ESTRUGIRAM OS APLAUSOS, FAZENDO TREMER AS CO-LUNAS DO FORUM. ELA ESTAVA SALVA...



3 — Frinéia conheceu, então, o poder e a riqueza. Sua educação foi cultivada, seu espírito tornou-se belo como o seu corpo. Sua casa era um templo de arte e de graça. Os poetas liam-lhe odes, os filósofos expunham-lhe teorias, historiadores narravam-lhe as vidas dos heróis... Atenas vivia, porém, momentos de dificuldade e apreensão. É que Alexandra arrazara Tebas, numa guerra sem quartel. Movida pelo orgulho e pela vaidade, Frinéia ofereceu, então, sua imensa fortuna para construir Tebas, com a condição de que se mencionasse que «Frinéia havia construido a cidade».



1 — Nascida em Téspias, a cidade sagrada do Monte Helicon onde se situavam os templos, de tôdas as Musas que os peregrinos visitavam o ano inteiro, por volta do sexto século antes de nossa era. Minesarete era dotada de indescritivel beleza. Saía da adolescência e seu encanto só fora notado, até então, por gente da classe social modesta a que pertencia. Mas um dia, em Elêusis, na praia onde se agrupava pequena multidão, vinda de Atenas, de Falerum, de Salamina, ela foi vista por alguém que tôda a Grécia idoletrava: Praxiteles, o escultor admirável que operava prodígios.



4 — A vaidade imensa contida em tal exigência irritou o povo. Em pouco a inveja, o despeito, a mágoa, operaram prodigios. Acusações as mais diversas surgiram contra Frinéia. E passou-se a exigir sua condenação. Frinéia foi obrigada, então, a comparecer a julgamento. Para seu defensor escolheu Hipérides, orador notável, dotado de imenso talento, que foi simplesmente sublime, comovendo os juízes, provocando légrimas em muitos assistentes. Mas os magistrados hesitavam, apesar de tudo. Entendiam que tanta vaidade, tanto orgulho, estavam a exigir castigo.



2 — Deslumbrou-se o artista diante da beleza da mulher perfeita que saía das ondas na manhà clara e batida de sol. Ali estava a perfeição que buscava, ali estava o modêlo com que sempre sonhara nos seus mais lindos sonhos de arte. E Minesarete, que passou a ser chamada de Frinéia, posou para o escultor. Do mármore rude e bruto, frio e insensivel. Praxiteles arrancou a maravilhosa estátua de Vênus, que por votação unânime foi reproduzida em ouro e adorada em tôda a Grécia, reverentemente, como verdadeira efígie da deusa do amor.



5 — Foi então que Hipérides, conhecedor de sua gente e do meio em que vivia, teve um grande gesto. Depois de declarar Frinéia uma obra-prima da natureza, agarrou, rápido, uma ponta da túnica da acusada, arrancando-a violentamente. Deixando inteiramente nu o corpo perfeito, voltou-se para a assistência, exclamando: «haverá um ateniense capa de condenar êste corpo?» Os aplausos da assistência fizeram tremer as colunas do Forum, Frinéia estava livre, pela decisão do povo, e por êste foi carregada em triunfo e conduzida até à estátua de Vênus, à qual servira de modêlo.

A Respeito de Frinéia

«E' certo que Frinéia participou ativamente da vida de Praxíteles, que se deslumbrou diante da beleza da linda moça que, realmente, encarnou tudo o que se poderia desejar em se tratando de graça feminina, mesmo sob os mais exigentes padrões de arte ou estética.

Modêlo das estátuas de Vênus adoradas na Grécia, a ela própria, tal qual à deusa, foram feitas diferentes oferendas, o que a tornou opu-

lenta, em tempo relativamente curto.

Seus haveres, entretanto, ela os empregou, em boa parte, na prática do bem e na realização de belas obras do espírito. As acusações que lhe foram feitas só poderiam encontrar, como ponto de apoio verdadeiro, a sua imensa vaidade. Nesse particular, com efeito, Frinéia excedeu a tôdas as conveniências, transpondo os limites da própria prudência; sua vaidade, com efeito, não conhecia limites.

Sabia-se bela, imensamente bela, e tinha profundo orgulho dessa

beleza e do efeito que ela causava por tôda parte.

Daí o episódio, que tão bem traduz o seu espírito, de pretender que lhe gravassem o nome nas portas de entrada de uma Tebas que ela reconstruiria com sua imensa fortuna.

A inveja, porém, foi, a rigor, o principal fator da condução de Frinéia até o grande tribunal. Não é, apenas, o gênio ou o sucesso politico que granjeiam antipatias, malquerenças, ódios, mesmo.

Também a beleza. Muitas mulheres da Grécia jamais perdoaram a Frinéia aquela pureza de linhas, aquêle colorido de pele, o ar esplêndido de saúde e fôrça e vida que emanava de tôda sua personalidade.

Diga-se, ainda, que a beldade não tinha grandes escrúpulos em atrair homens comprometidos, furtando maridos a seus lares, e compreender-se-á, fàcilmente, o fervor com que muita gente trabalhava para perdê-la, e o afă com que se agarraram à oportunidade, finalmente encontrada, de fazer condenar a mulher por quem todos os homens, pràticamente, suspiravam.

Mas o amor do ateniense pelo belo, a sua devoção exagerada ao belo, aliada ao talento imenso de Hipéride, que sabia comover e sabia argumentar, falaram mais alto que quaisquer outras considerações.

Frincia saiu do julgamento engrandecida, mais prestigiada que nunca, tanto mais que, já então, um certo remorso, um complexo de culpa, como diriamos hoje, começara a se apossar do ateniense, que entendia dever dar à mulher que antes acusara e quisera ver condenada, tôdas as satisfações.

Aumentaram, então, a fortuna e a glória de Frinéia. Sua saída do recinto do tribunal foi verdadeira apoteose.

Carregada em triunfo pela multidão e conduzida ao templo de Vênus, foi, no recinto sagrado, adorada como a própria encarnação da deusa.

Seu orgulho de mulher bonita, sua vaidade imensa, não poderiam ter maior desagravo, não poderiam receber maior afago.

Mas a lição ficara. Daí por diante, Frinéia seria mais cautelosa em sua existência, sob todos os aspectos, moderando sua ambição, colocando um freio em certas pretensões que secretamente alimentava.

Segundo alguns historiadores, houve, mesmo, quem posteriormente sugerisse se aceitasse a proposta de Frinéia, referente a Tebas, tal qual ela a apresentara. Mas já então a sacerdotiza de Vênus estava aconselhada pela prudência e pela sabedoria, que vêm com a experiência, furtando-se, ao que se afirma, às lisonjas e ao incenso dos áulicos.

Continuou, porém, a vingar-se, de modo geral, de suas irmãs de sexo, jamais deixando de fascinar-lhes noivos, maridos e irmãos.»

I. SUPERT

«Phryné», in «La Déesse».



NÃO, ÊLE NÃO ACEITAVA O CONVITE. HAVIA A POLITICAGEM, HAVIA OS IN-TERÊSSES DOS COMENDADORES... CON-FERIRAM-LHE PODERES DISCRICIONÁ-RIOS. ENTÃO COMEÇOU A CIVILIZAÇÃO



3 — Conseguiu avistar-se com Francisco Pereira Passos Expôs-lhe a situação, o desejo do govêrno. Passos sorria e recusava. Então o Minisrto do Interior apelou para o seu patriotismo. Falou longamente no Brasil, na vergonha que era sua capital. Neto de índia, Passos foi-se comovendo aos poucos. Ainda lutava, mas sem o ardor inicial. Dizia que duvidava poder fazer alguma coisa. Seabra quis saber por que e êle explicou. Havia a politicagem, a influência dos comendadores, inimigos de qualquer reforma e que tinham poder.



1 — Rodrigues Alves trazia para o govêrno um grande programa de realizações, onde ocupava destacado lugar o saneamento e o embelezamento da capital, que continuava a ser uma cidade colonial, de casario patriarcal e hábitos bem pouco higiênicos. Sabia a quem deveria entregar o govêrno da cidade; sabia quem estava em condições de transformar completamente a fisionomia do Rio. Era aquêle engenheiro inteligente que já dirigira a Central, que criara a primeira estrada de cremalheira no Brasil. Aceitaria êle o cargo? Havia sérias dúvidas.



4 — Seabra respondeu que o govêrno estava disposto a conceder poderes discricionários ao prefeito que fôsse nomeado. O que o Presidente da República desejava, reafirmava, era uma capital civilizada. Tôdas as garantias receberia governador da cidade, que poderia trabalhar livremente, sem quaisquer preocupações com a política. A 29 de dezembro de 1902. o Decreto 339 garantia amplos poderes a quem fôsse designado prefeito do Rio de Janeiro. O prefeito carioca seria o único árbitro, por assim dizer, das providências a adotar. Teria, enfim. carta branca.



2 — Seabra, Ministro do Interior, foi encarregado de fazer o convite e vencer as resistências do homem que desprezava honrarias. À porta da residência do engenheiro, no bairro de Laranjeiras, bate o ministro. O homem não se encontrava e Seabra é recebido pela espôsa do técnico, à qual explica sua missão. Madame sorri. Acha difícil que o marida aceite o convite. Seabra pede-lhe que o convença. A resposta é pronta: «meu marido só atende à própria consciência». Mas Seabra era teimoso, sabia ser brilhante, quando queria, sabia insistir.



5 — Vinte e quatro horas mais tarde, Pereira Passos dispunha-se a aceitar a nomeação. Começou, então, a remodelação da Capital Federal, a guerra sem quartel à rottina, à sujeira, à falta de higiene. Ruíam casarões centenários no sujo, rasgavam-se avenidas, alargavam-se ruas, davam-se janelas às casas, arejava-se o mbiente, enfim. O Rio civilizava-se. E Pereira Passos soube resistir galhardamente à guerra que lho moveran os comendadores e os poderosos interêsses contrariados. Interêsses bem pouco higiênicos, aliás, que acabaram por ser vencidos.

O Grande Prefeito Passos

«DASSOS vence a rotina. Declara guerra aos bacalhoeiros da rua do Mercado, aos tamanqueiros do bêco do Fisco, aos mestres-deobras que constroem no estilo compoteira e outros autores do atraso nacional; entra pelas casas que se fazem, ainda, como as do tempo do Sr. Marquês do Lavradio, sem luz, sem ar, dédalo de corredores e de alcovas, cria posturas, alargando as suas divisões, manda rasgar janelas nos aposentos de dormir, enche a morada de luz, de ar, de vida e de saúde! Do fundo dos armazéns manda arrancar toneladas de lixo, derrubar construções arcaicas; nas lojas manda substituir os assoalhos podres, ninhos de lacraus, centopeias e de ratos, cria o serviço de assistência pública, obra notável e muito pouco lembrada, primeiro serviço que tivemos; extingue a cainçalha que vivia infestando as ruas da cidade; acaba com a gritaria colonial dos pregões, mete os mendigos em asilos, acaba com os ambulantes que vendiam visceras de rêses apodrecendo ao sol, cercados pelo vôo contínuo do mosqueiro, alarga ruas, cria pracas, arboriza-as, calça-as, embeleza-as, termina com a imundície dos quiosques e diminui a infâmia dos cortiços.

Tanta ansiedade de progresso ofende o homem conservador. O pobrezinho sofre. Alargar-se a Rua Uruguaiana? Mas isso é ofender a tradição. Retirar as grades dos jardins públicos? Que horror! Proibir que cruzem pelas ruas centrais o vendedor de frissuras e mocotós, o homem do peru de roda-boa e o da vaca-leiteira? Mas isso é atentar contra o direito do «pobre comerciante a quem o país deve o seu enorme progresso»! E' trabalhar contra os destinos da cidade. Assim falam as gazetas que não são nossas. E essas gazetas, mobilizadas, tôdas elas, investem contra o reformador. Malham-no. Até o homem do «burrosem-rabo», meio homem, meio cavalo, quando sabe que o prefeito deseja extinguir-lhe a profissão, manda publicar, nos a-pedidos dessa mesma imprensa, a sua verrina contra Passos.

Dessa campanha nasce, para alguns, uma convicção tremenda, tal a de que o grande realizador é, na verdade, inimigo do progresso do país, e, além disso, o destruidor sistemático das mais belas e mais queridas tradições legadas pelos nossos inesquecíveis avós...

Isso também dizem as gazetas. Por sinal que o povo não as leva a sério.

Era assim, com efeito, que pelos albores dêste século a mentalidade colonial e retrógrada dos senhores da cidade - digo senhores, não digo moradores, entenda-se bem - tratava os que faziam o progresso e a grandeza do Brasil.

Desencadeava-se contra Passos, tal qual como sucedeu a Osvaldo Cruz, um ódio surdo. Dêsse ódio ainda existem remanescentes. Na Prefeitura, o grande administrador vivia a receber cartas anônimas, algumas até com ameaças de morte. Uma das causas reais dessa odiosidade militante explica-se, também, por fatos como êste: certos mandarins do comércio, do alto e honrado comércio desta praça, como então se dizia, bem como os não menos honrados do varejo, muitos dêles instruídos na escola da esperteza e da pilhagem, homens treinados na esperteza dos quilos de 800 gramas, no metro de 80 centímetros, na sonegação do impôsto, no subôrno ao fiscal, na hora de pagar à Prefeitura as décimas do impôsto de seus prédios, só pagavam aquilo que queriam, uma vez que o hábito era burlar, fantasiar, nas declarações ao fisco, o valor dos mesmos.

Que fêz, então, Passos, para castigar-lhes a má-fé, pondo-lhes um dique a essa manobra traiçoeira?

Na hora de desapropriar o imóvel, a fim de alargar as ruas, mandava calcular o valor do mesmo pelas declarações anteriormente fornecidas pelos proprietários, princípio, aliás, que fôra antes tornado lei, diga-se de passagem, a renda do prédio servindo, assim, para estabelecer o seu valor real na hora de reduzi-lo a pó.»

> LUIS EDMUNDO «O Rio de Janeiro do meu Tempo».

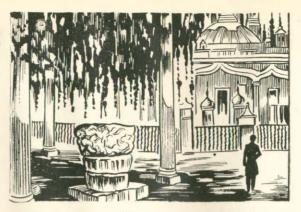
234 - SELEÇÕES DA HISTÓRIA



POR QUE ESTARIAM OS HOMENS DIVI-DIDOS EM CASTAS? NA TARDE OURO-ROSA, GAUTAMA ABANDONOU O PODER E A RIQUEZA PARA INICIAR, NA ÍNDIA MISTERIOSA, UMA GRANDE REVOLUÇÃO



3 — Mas sentia êle que lhe estava reservada grande missão: pregar o término da separação dos homens em castas. Lançando um último olhar à jovem espôsa e ao filhinho que ainda não abrira os olhos, êle partiu. Cortou os cabelos cacheados, trocou as vestes marchetadas de pedras pelos andrajos do mendigo e caminhou para as regiões de Vindhyia. E passou a viver em extremo ascetismo, procurando compreender a natureza que o cercava. E com o tempo vários outros homens se foram chegando a êle, seduzidos pela santidade de sua vida.



1 — Era naquele maravilhoso século VI antes de Cristo, em que o espírito humano principiava a perscrutar as mais profundas questões. Na Índia lendária, em certo distrito do Himalaia, Sidata Gautama parou numa aléia de seus jardins magníficos e deixou que seus olhos pousassem um instante sôbre as belas árvores batidas de sol, os arrozais que oscilavam ao vento morno da tarde, os bambus que pareciam cantar. Até seus ouvidos chegava a doce música dos regatos que corriam plàcidamente, quebrando um pouco o calor do dia que ia alto.



4 — E' um Buda, não tardaram a dizer. Havia a crença de que, em certos momentos, a sabedoria universal descia à terra, encarnando em um ente vivo, conhecido pelo nome de Buda, a partir de então. E Gautama passou a ser um Buda. Sua doutrina, largamente exposta naquela cidade santa de Benarés, era bem simples. O homem só é feliz atingindo o Nirvana, ou seja, o aniquilamento total do «ego». Era êsse o prêmio concedido aos que eram bons, aos que procuravam as seis perfeições: ciência, pureza, energia, esmola, caridade, paciência.



2 — Que era, afinal, a felicidade? — indaga a si mesmo, naquela linda tarde ouro e rosa. Por que estariam os homens divididos em castas? Por que o deus Brama não fizera todos os homens nascerem de sua cabeça, deixando que de seus pés nascessem os pobres «sudras», escravos e servos? Nesse instante, pelo lindo jardim de Gautama, o aristocrata, vocu uma borboleta azul. Quase ao mesmo tempo alguém veio anunciar-lhe que sua espôsa acabara de ter o primogênito. Gautama abandonou, então, o jardim maravilhoso para participar da alegria de sua casa.



5 — Todos os sofrimentos eram devidos aos desejos egoístas do indivíduo, ensinava o novo Buda. Doutrina metafísica muito sutil, demasiado sutil para a maioria dos homens. Todavia, eram bem claros alguns aspectos das preleções de Gautama. Mas Buda, com todo o poder de sua dialética e de seu exemplo, não conseguiria fazer desaparecer a triste casta dos párias, cuja sombra maculava os que dela se aproximassem. A brutal desigualdade continuaria desafiando os séculos, desafiando tôdas as conquistas da inteligência e do coração — mancha na vida de um povo.

0 Bramanismo

«A mais antiga religião de que nos dão notícia os documentos escritos é a religião dos árias ou arianos, na Índia, parte meridional da Ásia, ilhada pelos dois grandes rios Indus e Ganges.

Os árias, homens de raça branca que habitavam os grandes planaltos asiáticos, o Irã e as planuras de Cítia, abandonaram suas florestas sombrias para se estabelecerem nos risonhos vales meridionais, enquanto grandes levas se dirigiam para os vales do sul da Europa, então habitados por negros africanos, escorraçados mais tarde para suas terras de origem.

Até o décimo-nono século a Índia antiga só era conhecida do Ocidente através das leis de Manu, do Mahabarata e do Ramaiana, que deixam na obscuridade as origens da religião de Brama. Graças aos sábios inglêses que estudaram a civilização hindu, entre os quais destacou-se Hodyson, os livros sagrados, dos quais os mais antigos são os Vedas (hinos religiosos), puderam ser apreciados.

Ao lado de Varuna, que é deus, existindo antes de tôdas as coisas, no imenso céu indiano, as duas divindades invocadas nos hinos védicos são Agni, o fogo, a luz, e Indra, deus do ar, substância etérea representativa do poder da natureza.

Depois dessas divindades, os árias passavam a invocar divindades secundárias, especialmente: o deus dos ventos, a filha do sol, a deusa Brahamanaspati, que representava a oração.

A reverência ao fogo foi o primeiro culto védico. Sob esse pontode-vista, a religião dos primeiros arianos estava impregnada de naturalismo ao qual se mesclava um espiritualismo transcendente.

Encontram-se, com efeito, nos **Vedas**, princípios curiosos, como os da imortalidade da alma e da reencarnação, expressos nos dois textos seguintes:

«Ela é uma parte imortal do homem, ó Agni, a qual provém dos teus raios»;

«De que nasceu a alma? Umas vêm para nós e regressam definitivamente; outras, voltam»...

Da leitura dos Vedas se infere que os árias sabiam trabalhar o ferro, conheciam o ouro e praticavam a agricultura e a criação.

Ali se diz, também, que a mulher era igual ao homem.

Esta bonita e tão simples religião primitiva transformou-se, com a teocracia e as castas, numa idolatria plena de superstições e lendas fantásticas.

Existiu, sempre, um deus supremo, Brama, poder criador, cujo símbolo é o sol. A segunda pessoa da Trindade é Vichnu, que representa a sabedoria e o presente; a terceira é Siva, que tem o fogo por símbolo e representa o futuro.

Eremitas ou brâmanes passam a vida em retiro, sendo os intérpretes da doutrina secreta e possuindo misteriosos poderes que transmitem aos iniciados.

Para o bem da humanidade, Vichnu se encarna, diferentes vêzes, em sêres vivos, inclusive em animais.

O culto bramânico degenerou, com o tempo, em privilégios sacerdotais e aristocráticos, mais ou menos odiosos. Os brâmanes, depois de terem organizado a sociedade, a decompuseram, proclamando a escravidão da mulher e criando direitos de hereditariedade, opuseram uma barreira às aspirações de todos e, por assim dizer, petrificaram uma raça.

Os adeptos do Bramanismo acreditam na imortalidade da alma e na metempsicose, com a migração das almas nos corpos de homens de castas diferentes, ou nos corpos de animais, como já dissemos. As almas admitidas nos «céus superiores» e mesmo as que tivessem conseguido a união com Brama não gozariam eternamente dessa bem-aventurança, entretanto»...

S. PÉRISSÉ

«Sciences et Religions a travers les Siècles».



COM EXTRAORDINÁRIA A U DÁCIA E IMENSO DESTEMOR ELA SE ATIRAVA AOS COMBATES DAQUELA DIFÍCIL GUERRA DA INDEPENDÊNCIA QUE SE TRAVAVA NA BAHIA



3 — Trabalhada pelo desejo de servir à terra em que nascera, Maria Quitéria foi criando em si mesma a convicção de que, afinal, não lhe seria difícil vestir-se de homem e apresentar-se para lutar. Construiu cuidadosamente o seu plano. E quando o pai partiu para a Vila de Cachoeira, a negociar uma partida de algodão, acompanhou-o. No pequeno baú que ela conduzia iam peças de roupa masculina que tomara ao cunhado José Medeiros. Atingida a vila, embrenhou-se na floresta adjacente, trocou as vestes... e iniciou uma nova vida...



1 — Até a casa solarenga de Gonçalo de Almeida e Joana Maria de Jesus, no sopé da serra da Agulha, chegavam, em fins de 1822, os ecos da luta que se travava entre brasileiros e portuguêses, naquelas terras da Bahia, pela consolidação da Independência que Pedro I proclamara havia pouco. A guerra era o assunto de tôdas as palestras; comenta seu desenvolvimento, suas peripécias, era o tema quase exclusivo das conversas, nos longos serões. A verdade é que tôda a Bahia vivia um grande momento. Era ali onde mais porfiadamente se lutava pela liberdade.



4 — Algum tempo depois, o zoldado Medeiros — nome com o qual se inscrevera no Exército Libertador — começava α ser notado pela disciplina e pelo entusiasmo. Não tardou que fôsse transferido para o Batalhão do Imperador, ou «Batalhão dos Periquitos», denominação que provinha das côres berrantes dos uniformes. Com êsse Corpo, comandado pelo Major Silva Castro, o soldado Medeiros, ou Maria Quitéria, participou de perigosos entrechoques, realizando grandes atos de bravura e heroísmo.



2 — Os soldados do general português Madeira de Melo eram bravos, destemidos, experimentados. Só muito esfôrço, muita tenacidade dos nacionais poderia transformar em verdadeiros soldados os recrutas que voluntàriamente se apresentavam, cada dia em maior número, ao comando das fôrças libertadoras. Gonçalo Almeida era pai de quatro filhas que, faces tensas de emoção, ouviam as narrativas dos combates. Uma delas, Maria Quitéria, mostrava-se entusiasmada. «Ah, não ser homem para poder lutar pela minha pátria!», exclamava freqüentemente.



5 — Mas Gonçalo de Almeida, que, como um louco, procurava a filha, consegue descobri-la. Quer reconduzi-la ao lar. Maria Quitéria recusa-se a acompanhá-lo. O comandante do Corpo é chamado a intervir. Mas como poderia êle deixar de atender aos rogos do seu admirável comandado? E ela permanece nas fôrças libertadoras, com seu próprio nome, porém, praticando novos feitos de audácia. Terminada a campanha, concedem-lhe o pôsto de Alferes, e D. Pedro I, em pessoa, faz questão de condecorar a primeira mulher-soldado do Brasil, em tocante cerimônia realizada no Rio de Janeiro.

A Guerra da Independência

«A CLAMADO a 12 de outubro e sagrado a 1º de dezembro de 1822, só contava Pedro I com o apoio político de São Paulo, Minas Gerais, e Rio de Janeiro, eleita como capital do Império.

Os focos principais de resistência ao reconhecimento da Independência foram as provincias da Bahia, Piauí, Grão-Pará e Cisplatina, que insistiam em recusar, de armas nas mãos, a autoridade do novo govêrno.

Ao movimento armado das fôrças imperiais empenhadas em reduzir os rebeldes à obediência, denomina-se «Guerra da Independência».

D. Pedro I foi obrigado a impor sua autoridade nestas províncias. Na Bahia conseguiu derrotar a guarnição portuguêsa comandada por Inácio Luís Madeira de Melo, que não contava com qualquer popularidade entre os baianos.

A vitória imperial foi obtida graças à atuação do coronel José Joaquim de Lima e Silva e ao refôrço da esquadra recém-criada, comandada pelo Almirante Lord Cockrane, mais tarde Marquês do Maranhão. A 2 de julho de 1823, o brigadeiro Madeira de Melo, derrotado, abandonou Salvador, rumo a Portugal.

Para socorrer o Piauí, dominado pelo major João da Cunha Fidié, que se manifestara contra a independência, foi enviado o coronel José Pereira Silveira.

Não obstante a vitória de Fidié em Jenipapo, o Piauí continuou rebelando-se contra a autoridade portuguêsa e manifestando adesão ao govêrno imperial.

Não tardou que o Piauí ficasse entregue aos partidários da independência, tais como Simplício Dias da Silva e Manuel de Sousa Martins, orientados de acôrdo com a política do Rio de Janeiro.

Vencedor em Jenipapo, Fidié transferiu-se com suas tropas para o interior do Maranhão, a fim de combater os partidários da independência, mas foi sitiado em Caxias e obrigado a renunciar ao pôsto.

Com a chegada das fôrças navais de Lord Cockrane, a São Luís, a Junta Governativa da província, que se manifestara contrária à inde-

pendência, submeteu-se pacificamente, seguindo-se a aclamação do imperador.

Foi necessário, ainda, que Cockrane enviasse Grenfell ao Grão-Pará a fim de obrigar a Junta Governativa local a reconhecer o govêrno de Pedro I.

Na Cisplatina, grande parte da guarnição portuguêsa comandada por D. Alvaro da Costa de Sousa Macedo, que se havia declarado fiel a Lisboa, entrou em choque com a tropa sob o comando do Tte.-General Carlos Frederico Lecor, Barão de Laguna, que apoiava a política do então príncipe-regente D. Pedro.

Em face da superioridade numérica das tropas de D. Álvaro da Costa, Lecor retirou-se para o interior da província com seus homens, voltando a atacar D. Álvaro depois de proclamada a independência.

Em novembro de 1823, D. Álvaro, desiludido de receber reforços de Lisboa, negociou sua capitulação e Lecor, entrando em Montevidéu, promoveu a aclamação de Pedro I imperador do Brasil.

Tratou, em seguida, o govêrno, de enviar encarregados de negócios com a missão de obter dos diversos governos estrangeiros o reconhecimento da independência.

Foi nomeado nosso representante em Londres o Marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro Marquês de Barbacena; para Viena foi o futuro Marquês de Resende, Antônio Teles da Silva e para Roma o Cônego Francisco Correia Vidigal.»

ARY DA MATTA

«História do Brasil» — 1ª série ginasial.

238 — SELEÇÕES DA HISTÓRIA



SÍMBOLO DA INIQUIDADE, CASTELO DO MARTÍRIO, FOI A CIDADELA ONDE SE PRATICARAM OS MAIORES E MAIS NE-FANDOS CRIMES DA HISTÓRIA POLÍTI-CA DA INGLATERRA...



3 — Ricardo II que conseguira usurpar o trono, fêz trancafiar na Tôrre de Londres os dois filhos de Eduardo IV,
que poderiam legitimamente, reclamar a corôa. Eram duas
simples crianças. E. em 1483, na calada da noite, os meninos foram estrangulados em seu leito, enquanto dormiam.
No reinado de Henrique VIII, o barba-azul, ou o «sátiro real»,
a Tôrre de Londres lavou-se no sangue de suas espôsas.
Ana Bolena, Catarina Howard. Jane Grey tiveram as cabeças decepadas a machado numa dependência do castelo
da iniquidade.



1 — Fora das antigas muralhas da «City», em Londres, cobrindo dilatado espaço ao longo do rio Tâmisa, erguemse as diferentes tôrres que constituem o conjunto conhecido pela designação de «Tôrre de Londres». É uma verdadeira cidadela, com grande número de estabelecimentos civis e militares. Uma porta ameada, precedida por uma ponta levadiça, constitui a entrada principal do conjunto onde se guardam, hoje, algumas reliquias da História da Inglaterra e maravilhosas jóias da Coroa. «Símbolo de iniquidade», «cidadela do martirio», foram designações dadas ao conjunto.



4 — Henrique VIII, aliás, nunca se fartou de sangue. A morte de Thomas Moore, que êle condenou simplesmente porque se opusera ao seu divórcio de Catarina de Aragão, recusando-se, mais, a reconhecê-lo como cabeça de Igreja. é, simplesmente, de causar revolta a quem tem conhecimento dos detalhes do processo que condenou brilhante figura da inteligência britânica. Mas o destino da Tôrre sinistra era ficar empapada de sangue, periòdicamente. Talvez que aquelas pedras precisassem de sangue humano para existir e afirmar-se...



2 — Porque na Tôrre de Londres verificaram-se alguns dos mais nefandos crimes da História da Inglaterra, desde os tempos do rei Eduardo I, no século XIII. Foi ali, por exemplo, que em 1748, o Duque de Clarence, irmão do rei Eduardo IV, foi, por ordem dêste, assassinado de maneira bastante singular: afogado num tonél de malvásia. Alguns anos mais tarde, na mesma cidadela, verificou-se outro crime abominável, que causou verdadeiro horror a todos os que, por fôrça do ofício, dêle tiveram que se ocupar, anos e anos mais tarde.



5 — Outro grande crime praticaria Henrique VIII na mesma Tôrre macabra: a morte do Bispo de Rochester, John Fischer, de 80 anos de idade, por motivos semelhantes aos que haviam ditado a condenação de Moore. Outros personagens igualmente ilustres perderam suas vidas na Tôrre em diferentes épocas. Ainda hoje se conservam na lúgubre cidadela, os esqueletos de algumas vítimas. Esqueletos que em outros tempos estiveram suspensos dos ganchos de suas ameias, para que todos vissem como os reis castigavam os que ousavam desobedecer-lhes...

Londres

«VAMOS antes à Abadia de Westminster, cujas pedras esculpidas parecem o sistema nervoso que dá vida à belissima igreja. Nela estão enterrados muitos dos grandes vultos inglêses e mesmo os que não estão, têm ali os seus monumentos ou placas comemorativas. Entretanto, procurei em vão alguma pedra onde estivessem gravados os nomes de Shelley e Byron. Os dois poetas foram considerados indignos de figurar naquele panteon e a estátua de Byron, que deveria ter sido colocada ali, está, hoje, na biblioteca do «Trinity College», em Cambridge. Que injustiça! São essas coisas que fazem a gente pensar na hipócrita Albion...

Mais longe, à beira do Tâmisa, está a Tôrre de Londres, espécie de Bastilha que não foi tomada. Numa de suas celas é que estiveram presos durante anos, e antes de sumirem para sempre, os desgraçados filhos de Eduardo. Êsses muros viram muitos prisioneiros ilustres: Thomas Moore, Queen Elizabeth, Mary Stuart. Aqui Raleigh escreveu sua História Universal e estas salas serviram de cenário para muitos dramas de Shakespeare. Entre as árvores de um dos pátios da mesma prisão, hoje transformada em quartel, está a pedra que marca o lugar onde foi decapitada Ana Bolena, uma das mulheres de Henrique VIII, o Barba-azul coroado.

Há em Londres outras recordações menos trágicas e de muito sabor literário. «The old curiosity shop», por exemplo, que deu nome a um dos livros de Dickens. No «Temple», bairro onde os advogados têm seus escritórios, é de Tom Martin que nos lembramos: êle trabalhava num «studio» que dava sôbre «Fontain Court». E tôdas as figuras que o grande «conteur» criou parece que vão surgir pelas ruas: neste «Inn», David Copperfield despediu-se de Mr. Micawber; Mr. Pickwick devia circular por êstes becos acompanhado pelo fiel Sam Weller e por seus amigos tão simpáticos e telhudos quanto o fundador do clube.

Thackeray também descreveu Londres, e seus personagens ainda quadram no cenário. Ainda está de pé a «Chaterhouse», que é o colégio de «Vanity Fair» e foi em Curzo Street, numa dessas casas de as-

pecto tão pacato, que Rawdon pôs um trágico ponto final à aventura da mulher. Os escritores inglêses souberam como ninguém descrever seus compatriotas, e talvez por isso a gente pensa encontrar os heróis dos romances ainda hoje passeando pelas ruas da capital.

Quantas vêzes topei Dorian Gray com a beleza loura e sempre pura. Lord Artur Saville e mesmo Oscar Wilde em pessoa, ou Lord Alfred Douglas...

Foi com certa comoção que passei pela «Wimpole Street», onde morou a romântica «Miss Ba». Lá está a casa, conservada como museu, e a hera ainda enguirlanda a janela da poetisa a quem o amor, em vez de matar, curou. E' estranho como, para mim, êsses fantasmas de outras épocas aparecem com muito maior precisão do que aquêles criados pelos romancistas modernos, de quem, aliás, sou fervoroso admirador.

Por mais que procure, ainda não encontrei uma Lucy Tantamount, e desejaria tanto conhecê-la! Na minha peregrinação a Chelsea, bairro dos artistas, não vi ninguém que pudesse encarnar a simpática figura de Philips Qualers: no entanto, «Point, Contrepoint» é o romance que mais me tem impressionado nestes últimos anos. Londres guarda, apesar do aspecto de grande cidade, um arzinho de «bons vieux temps», adorável «clima» que faz o seu maior encanto. As ruas aristocráticas, as praças arborizadas, têm um não-sei-quê de nobre e confortável que ainda não vi em outra cidade, e olhando esta gente viver, descobri por que os inglêses têm tanto jeito para turista: viajam como se estivessem em casa e não há como êles para saber instalar um «home» confortável e acolhedor.

Para falar com franqueza, se por uma desgraça eu tivesse que morar fora da minha terra, seria em Londres que iria chorar a «patria lontana», apesar de não ser Londres pròpriamente um lugar quente...

ALFREDO MESQUITA «Na Europa».



HABITUADOS A «LIBRAS» E «CÔVADOS», COMO PODERIA O POVO DEIXAR DE ES-TRANHAR «QUILOS» E «METROS»? E O MOTIM EXPLODIU, VIOLENTO, IRRE-FLETIDO, SANGUINOLENTO.



3 — A 11 de dezembro de 1872, logo ao romper do dia, no Rio de Janeiro, começou a surprêsa e principiaram os aborrecimentos. «Uma libra» de carne, pedia o consumidor. É o magarefe explicava que não se dizia mais uma «libra», que agora tinha que ser pedido um «quilo» de carne. O comprador olhava desconfiado a mercadoria que lhe entregavam. Aquêle «quilo» seria igual à «libra» que estava habituado a adquirir? Surgiram sérias dúvidas, principiaram discussões, que se generalizaram por tôda a cidade. Todos falavam mas ninguém se entendia.



1 — O sistema de pesos e medidas seguido pelo velho comércio brasileiro era aquêle arcaico sistema português que não obedecia a regra alguma, nem conhecia qualquer método. Balanças defeituosas e primitivas, com pedras funcionando como pesos, controlavam as quantidades. Assim mesmo quando existiam balanças, pois frequentemente o pêso ou a medida ficavam ao arbitrio do negociante, ou melhor, à mão do negociante, pois êste sopesava a mercadoria e exclamava: «pode levar, que está bem pesadinha». E a decisão era inapelável...



4 — Dentro de poucas horas, o Rio estava em polvorosa. O novo sistema era um absurdo uma inovação tôla, uma invenção destinada a lesar o povo, gritavam os agitadores, que sempre existiram, em todos os tempos. Em pouco tempo, aos gritos de «quebra os quilos» o povo assaltava diferentes casas comerciais, depredando-as e espancando seus proprietários. Devido a curiosa e inexplicável preferência os açougues foram os estabelecimentos mais visados pela cólera popular. Os magarefes viveram maus momentos, sentindo-se em verdadeiro perigo de vida.



2 — Comprava-se uma «libra» de carne, um «côvado» de fazenda uma «pataca» de banha. Libras e covados variavam no pêso ou na dimensão, de estabelecimento para estabelecimento, não havendo duas lojas que vendessem quantidade ou pesos iguais... Conforme o bairro variava, também, o pêso e a medida. Aconteceu assim na Colônia, aconteceu assim no Império até quase o final do Segundo Reinado, dado que somente em 1872 entrava em execução a lei 1 157, de 26 de junho de 1862, que mandadva adotar o sistema métrico decimal.



5 — Houve intervenção policial, com as conseqüentes correrias, vaias, tiros e espancamentos a chanfalho, havendo se registrado, nessa «guerra dos pesos», regular número
de feridos nas duas hostes antagônicas: populares e policiais, embora ràpidamente a situação se normalizasse eo povo
compreendesse que o «osistema métrico» vinha sºmente beneficiá-lo. Também em várias provincias, notadamente em Alagoas e Sergue, verificaram-se idênticos movimentos de rebeldia, embora sem a intensidade de que se revestiu o carioca,
que deu muito trabalho à autoridade.

O Sistema Métrico

«FOI no gabinete de 8 de março de 1871, presidido pelo Visconde do Rio Branco, que entrou em execução a lei que mandava instituir o sistema métrico decimal, em substituição ao antiquado sistema português de pesos e medidas, que era o mais atrasado possível, não obedecendo a regra nenhuma.

O govêrno, para por têrmo à balbúrdia e aos abusos, ordenara, por lei de 26 de junho de 1862, que o sistema em vigor fôsse substituído em todo o Império pelo sistema métrico francês. Já existindo o decreto de 1 de abril de 1871, abrindo o crédito extraordinário de 410 contos de réis para ocorrer às despesas com o serviço relativo a essa substituição, em 11 de dezembro de 1872 vem o decreto aprovando o regulamento que estabelece as condições a que devem satisfazer os pesos e medidas do sistema métrico, mandados adotar no Brasil.

Porque o povo não compreendesse ràpidamente o novo sistema, ou porque achasse que o mesmo era prejudicial, recebeu-o com animosidade, assaltando casas comerciais ao grito de «quebra-quilos».

A polícia efetua algumas prisões e a custo procura conter a ordem.

Durante alguns dias os estabelecimentos que serviam ao público foram protegidos por fôrça armada.

Nas provincias não foi menor o movimento de rebeldia. No Norte, em Sergipe, Alagoas, Paraíba e muitos outros pontos, o povo igualmente se insurgiu, procurando estabelecer desordem. Dentro em pouco, porém, tudo serenou.

O histórico do sistema decimal que provocou agitação no Brasil e até exigiu a intervenção da polícia é curioso e vale ser resumido.

Data da revolução de 1789 e é uma das grandes reformas ligadas à França dessa época. O antigo sistema de pesos e medidas oferecia vários e graves inconvenientes:

1º, não era uniforme em tôda a França; cada província tinha seus sistemas próprios. Certas medidas usadas no Sul não eram conhecidas no Norte e vice-versa.

Quando porventura uma medida era adotada em duas províncias ou mesmo em duas cidades um tanto distantes, tinha geralmente dois valores diferentes. Assim, o alqueire tinha uma infinidade de valores;

2º, não só as várias medidas eram divididas em partes decimais de dez em dez vêzes menores, como umas se dividiam em seis partes, outras em doze, estas subdivididas em oito ou dezesseis, aquelas em vinte e quatro ou sessenta — o que tornava os cálculos muito complicados e difíceis;

3º, finalmente, essas medidas mudavam arbitràriamente de valores num mesmo lugar e nada lhes garantia a estabilidade.

A Assembléia Constituinte resolveu intervir para remediar a grande confusão de tôdas essas coisas. Um decreto dessa assembléia, datado de 26 de maio de 1791, tomou por base do novo sistema o tamanho do meridiano terrestre. Delambre e Méchain foram encarregados de determinar qual o comprimento do arco compreendido entre Dunquerque e Barcelona. Esse trabalho e outras pesquisas análogas permitiram determinar exatamente a distância A B do pólo ao equador, a qual é igual a 5.130.740 toesas (antiga medida francesa de seis pés). Formava a décima-milionésima parte dêsse comprimento a que denominaram de metro. Uma vez determinado o valor do metro, estabeleceram o valor do litro, do grama e do franco, tendo por base o metro, e foi aplicada a essas novas medidas a numeração decimal.»

«História da Polícia do Rio de Janeiro». MELO BARRETO Fº E HERMETO LIMA



CLÁUDIO MONTEVERDI, «PAI DA INSTRUMENTAÇÃO», FOI O VERDADEIRO CRIADOR DA ÓPERA, COMO A COMPRE-ENDEMOS HOJE, E O HOMEM QUE DEU LIBERDADE ÀS ORQUESTRAS



3 — A fim de acompanhar o canto, já não mais polifônico, Ludovico Vidana introduziu o «baixo-contínuo» a ser executado ao órgão, enquanto uma voz cantava geralmente a parte superior ou melodia. A iniciativa, entretanto, da verdadeira representação durante o canto, cabe a Vicente Galilei, que organizou um grupo de musicistas ao qual se costuma atribuir a origem da ópera. Essas óperas eram quase que recitativo, havendo pouca movimentação e resumindo-se o canto a uma forma rústica de recitativo dramático.



1 — A Igreja, no pitoresco de sua liturgia, comemorava a paixão de Cristo, há muitos séculos, com diversos intérpretes que representavam as principais cenas do grande drama. Daí a se passar a uma representação teatral, com gestos e vestimentas adequadas, aumentando-se o número de personagens em cena, foi simples questão de tempo. Mas no interior dos templos não poderiam ser levadas a efeito tais representações, que ganharam, assim, a praça pública, conquistando, râpidamente, o apreço popular e despertando vivo entusiasmo.



4 — Estava lançada α semente, porém, de um novo gênero que nada tinha α ver com a música grega, mas que correspondia as aspirações da alma popular. A Itália se deve, pois, a ópera, como, aliás, tudo o que diz respeito à música, como bem frisou Haendel. Segundo velhos autores, a primeira ópera realmente digna dêsse nome, foi produzida por Cláudio Monteverdi, que pode ser considerado o pai da instrumentação. Foi êle o primeiro a usar, com absoluto sucesso, o «trêmulo» e o «pizzicato», realizando verdadeira revolução musical.



2 — A primeira ópera de que se ten notícia verificou-se em Pádua, no ano de 1244. O uso foi-se generalizando, e como tudo na época obedecia ao corporativismo, fundaramse agremiações especiais em Roma e em Paris. As representações eram cantadas com seqüências gregorianas, tendo o nome de «Mistérios» ou «Paixões». Pouco a pouco o profano foi dominando o religioso. Introduziram-se, então, nas representações, personagens buíos como o asno, o diabo, que cantavam em italiano e transformaram as mesmas representações em comédias e dramas.



5 — Juntamente com Cavali, que também produziu interessantes trabalhos, Monteverdi fêz com que as orquestras não servissem ùnicamente para acompanhar o canto, mas se tornassem brilhantes e vivas, com intermezos coloridos, criando, assim, a ópera, como a compreendemos hoje, na qual tanta importância tem a instrumentação. Também as orquestras, por conseguinte, contraíram uma grande divida para com êsse Cláudio Monteverdi, e seus seguidores, que foram grandes apaixonados da música, à qual, tudo sacrificaram sem hesitação.

Nasce a Ópera

«PALAVRA italiana que significa obra, o têrmo «ópera» serviu, no idioma francês e, a seguir, nos demais, para designar especialmente a obra dramática na qual a poesia e a música se reúnem e se completam numa representação, animada, ainda, pela dança.

Se a aliança da música com o drama constituem o fundo de tôdas as óperas, ou melhor, a própria essência do gênero, poderemos buscar em épocas muito recuadas a invenção das peças dessa espécie, porque será possível encontrá-las entre os chineses, os gregos e os romanos.

Nos tempos modernos a música misturou-se aos ensaios conhecidos pelo nome de «Mistérios»; nenhum caráter especial teve, porém, êsse tipo de música que não se diferençou da música comum, tanto assim que nas pequenas comédias a música era utilizada apenas quando os atores não se encontravam em cena, como um meio, portanto, de manter o interêsse da platéia.

Nos últimos anos do décimo-sexto século, três gentis-homens florentinos, Jean Bardi, Pietro Strozzi e Jacques Peri fizeram escrever, por Rinuccini, um drama musicado intitulado «Dafne», seguido de dois outros concebidos sob o mesmo plano e diferentes de tudo quanto se havia feito até então pela maneira por que era tratada a música, que se mesclava à recitação.

Pela mesma época, ensaios semelhantes verificaram-se em Roma. A música cênica obteve, de pronto, extraordinário êxito, relegando, em breve, a segundo plano, a música sacra e provocando uma pausa no desenvolvimento da música de câmera que só continuou a ser cultivada nas localidades onde não havia teatro lírico.

Um dos mais curiosos gêneros de espetáculo lírico foi a ópera-bufa, espetáculo em que todos os personagens participam, mais ou menos, do caráter de um dêles, denominado bufo. As peças de ópera-bufa são sempre marcadas por um fundo de extraordinária alegria, sendo nesse sentido que a música se dirige.

Algumas vêzes, porém, há cenas patéticas, com amôres contrariados; mesmo nesses casos, porém, as situações são conduzidas, quase sempre, para o terreno da comicidade, o que faz com que a música assuma o mesmo tipo. Algumas vêzes também são apresentadas cenas sentimentais, com diálogos curiosos; nesses casos a música adota a forma de árias ou duos românticos.

A ópera-cômica, surgida na França, foi um gênero operístico muito apreciado do povo, notadamente do parisiense. Chamou-se assim qualquer obra, cômica ou não, na qual o canto alternasse com a fala, ou mais precisamente, com o diálogo.

A denominação, pouco acertada, sem dúvida, justificou-se na época em que foi criada. Naquele tempo a Ópera era o único teatro francês onde se cantava e onde se levavam peças sérias, fazendo-se necessário, portanto, estabelecer a diferenciação.

A ópera-cômica foi o que hoje se denomina vaudeville, mais ou menos, isto é, peças de gênero alegre, gaiato, misturado com coplas de sabor popular.

Expliquemos, também, o que foi a opereta, palavra de origem italiana (operetta). Serviu, o vocábulo, para indicar as peças em um só ato, também denominadas farsas, embora, algumas vêzes, tenha servido para desdenhosamente classificar peças liricas que, pelas suas formas insatisfatórias, pelo caráter vulgar de suas melodias, pela harmonia incorreta, pela fragilidade de sua concepção, enfim, não mereciam inclusão no rol das óperas.

A respeito das origens da ópera, uma das melhores obras de esclarecimento e divulgação é o trabalho de Menestrier, «As Representações Musicadas, Antigas e Modernas», aparecido em 1681, na França.»

> «L'Opera», in «Enciclopedie des Gens du Monde», tomo 18.



TINHAM IMENSO ORGULHO DE SEUS DOMÍNIOS OS VERDADEIROS PEOUE-NOS SENHORES FEUDAIS QUE ERAM OS GRANDES FAZENDEIROS DO TEMPO DO IMPÉRIO...



3 - Na vida da Fazenda cada coisa tinha seu lugar, cada qual o seu serviço. Na cozinha, por exemplo, cada mulher tinha função bem definida no preparo dos quitutes. A uma competia o preparo do peixe, tarefa considerada muito delicada; a outra o da caça; àquela o das maças. Segundo Taunay, em muitas fazendas «o preparo do arroz», indispensável nas mesas brasileiras, era delegado a uma especialista». E essa especialista desfrutava de grande conceito, obtendo, não raro, certos «privilégios» dos fazendeiros, recebendo cumprimentos quando o prato se apresentava mais gostoso.



- Era bastante pitoresca a vida nas grandes fazendas do Império, verdadeiras pequenas cidades de existência patriarcal. A «Casa Grande» — sobradão enorme, sem estilo al-gum, geralmente — era a cabeça da Fazenda, rodeada de pomares onde os frutos da terra perfumayam o ar. Todo um mundo de fruteiras desconhecidas das gerações de hoje, ali estava, de permeio com as laranjeiras e limoeiros, latadas de maracujá e pés de jambo. Em volta situavam-se as dependências: a casa do administrador, a casa do escrivão e chaveiro, a enfermaria dos escravos, a cozinha imensa



4 — A Fazenda possuia gente «importante», muito ciosa de sua missão. Importante era o «chaveiro», a quem competia zelar pelas chaves das diferentes dependências e que era, também dentista e aplicador de bichas e ventosas. Importante era o escrivão, precursor do moderno guarda-livros, como importante era o tropeiro, chefe das tropas, responsável pela condução dos sacos de café ou de acúcar até os pontos de embarque. Esse tropeiro, algumas vêzes, encarregava-se, também, de realizar pequenas compras para o elemento feminino - um metro de fita, rendas, um vidro de água-de-cheiro...



- Verdadeiras oficinas-mirins, com legítimos operários especializados, estavam instaladas nos terrenos adjacentes. E dentro de casa havia multidão de escravos de servir, desde as mucamas, mulatas bonitas e dengosas que levavam aos aposentos as grandes bacias de cobre e os largos jarros de água para as abluções da manhã, até os copeiros que serviam à mesa e os molequinhos cujas missão era conservar acesas brasas para os cigarros e charutos. Possuir muitos escravos era ambição geral dos grandes fazendeiros. Por isso, sempre havia muita gente em movimento



- Em algumas Fazendas, a própria roupa dos escravos era tecida e fabricada. O algodão, tecido em cardas por habilíssimas fiandeiras de ébano, servia, ainda, para a confecção de lençóis e da sacaria para os produtos agrícolas, como observou Castelnau. Tudo isso fazia do fazendeiro um pequeno senhor feudal de uma côrte submissa e diligente que parecia viver unicamente para agradá-lo e satisfazer-lhe os caprichos. O fazendeiro tinha orgulho de sua situação, de sua posição impar. Quando, nos grupos que se formavam, queria alardear importância, dizia: eu só compro sal, ferro e pólvora

As Fazendas

«A REA imensa coberta de densa vestimenta florestal. Ainda em nossos dias calcula-se em cêrca de 50% a superfície de matas existentes e, para acharmos a proporção vigente em tempos idos, devemos somar os trechos derrubados para fins agrícolas. Os algarismos mais aceitáveis andariam por 60% no século XVI e seguintes.

Solo rico e fecundo, com escassa camada de húmus, capaz de largas colheitas de cereais regionais, nem trigo, nem aveia, nem cevada, contudo, pois êstes seriam, como ainda são, culturas exóticas, mas apto a produzir fartas messes de alimentos próprios, como milho, mandioca,

batatas doces e bananas.

Mares, lagos e rios onde abundava o pescado de tôda sorte.

Colméias naturais cheias de enxames a trabalharem, tanto no chão como nas árvores. Caça, não excessiva, mas em quantidade razoável, nos vales, nas chapadas e nos bosques. Temperaturas sem extremos de sacrifício para a vida humana: mesmo sob o equador, toleráveis sob o influxo das brisas periódicas e das chuvas regulares; ausência de frios realmente cortantes e incômodos.

População, antes escassa e distribuída com densidade pouca, a percorrer, pouco sedentária, planícies e florestas. Fisicamente forte, curada pelas intempéries, astuta em sua prática cinegética, cruel, dissimulada, sem noção de responsabilidade individual, e lançando sôbre a coletividade adversa o pêso da vingança de qualquer falta ou crime de qualquer de seus membros.

Obedecia a seus chefes, caciques ou morubixabas, a seus curandeiros e feiticeiros, pajés, e era fácil e simples no trato. Incapaz de esforços persistentes e trabalho uniforme, possuíam instrumentos rudimentares para suas necessidades agrícolas e caseiras.

Decorreram alguns anos, antes que se não houvesse mais que recear os ataques dos índios: só então as fazendas, como se apelidavam tais feitorias, puderam desenvolver-se por áreas extensas e alongadas. Pela mesma época a cana de açúcar foi importada da Madeira e engenhos rudes de pau se fundaram e de fogo direto para a concentração das garapas nas talhas, iniciando-se destarte uma rudimentar indústria açucareira. Tais engenhos, como se chamavam, constituíam a unidade econômica basilar da terra.

Autônomos, vivendo sôbre si, poucas comodidades teriam de importar de Portugal, principalmente vinho e azeite. Cultivavam e colhiam algodão e teciam fazendas grossas. Gado, aves, suínos, cresciam e multiplicavam-se em abundância.

Peles e couros decorriam da criação de gado. O açúcar também dava a cachaça.

Dentro em breve houve largo excedente de tais produtos, e os colonos começaram a exportá-los à metrópole nos navios portuguêses que iam à colônia americana, únicos autorizados a lhe frequentarem os portos.

Tal organização econômica, contudo, exigia largo dispêndio de trabalho. Derrubadores para roçarem o mato das plantações; agricultores para limparem as derrubadas e prepararem o terreno para as semeaduras, as carpas e colheitas das messes, o transporte das canas, ou das espigas de milho e das demais culturas; operários especiais para construírem ou remendarem os engenhos, as rodas d'água, os canais ou regos; remadores para barcos e lanchas em que se transportavam rio-abaixo até o oceano as utilidades colhidas ou preparadas; caldeireiros para tachas, carapinas, marceneiros, ferreiros, pedreiros, serventes, fazedores de tijolos e de telhas; criados de tôda espécie para as necessidades caseiras, caçadores e pescadores para sustento da fazenda, guardas para protegerem famílias e propriedades — tais eram, em resumo, as mais importantes formas de trabalho impostas aos empregados e escravos.»

PANDIÁ CALÓGERAS

«Formação Histórica do Brasil».

246 - SELEÇÕES DA HISTÓRIA



SIM, O INIMIGO NÃO O TERIA NEM A NENHUMA DE SUAS ESPÓSAS. DECISÃO ADOTADA, O PODEROSO MONARCA DI-RIGIU-SE PARA O LUGAR DE SEU PA-LÁCIO QUE ÉLE MAIS APRECIAVA



3 — Quando Árbace e Belési, os sátrapas rebeldes, tiveram a audácia de ameaçá-lo. Sardanapalo, à frente de seus exércitos deu-lhes combate. É fato que Nínive ficou sitiada durante tempo, mas o sítio teve de ser levantado, finalmente: todos haviam resistido heròicamente. A vitória não lhe sorriria, porém: os deuses haviam abandonado a quem os esquecera completamente. E Nínive novamente foi sitiada, por tempo tão vasta que levou o desespêro ao coração dos homens, o sorriso deixou de aflorar à face bonita das mulheres, as crianças deixaram de brincar, enquanto os velhos passaram a tremer.



1 — Era no ano de 88 A. C. Estava prestes a findar a primeira monarquia assíria, e, no seu intimo, todos culpavam Sardanapalo pela desgraça iminente, em face do stito de Ninive que não poderia resistir por muito tempo mais. No seu maravilhoso palácio, sob o docel recamado de esplêndidos bordados filigranados a ouro, o monarca pensava, recordando os dias de felicidade e de ventura, cujo fim estava tão próximo. Estava decidido, porém. a jamais se entregar aos vencedores, que, aliás, não usufruiriam nenhum dos seus tesouros. A decisão adotada, desanuviou-lhe o semblante dantes carregado. E, em passos solenes, dirigiu-se para o harém.



4 — Durante três anos, longos e intermináveis três anos, a cidade imponente suportou com estoicismo o assédio de um inimigo implacável. As rações de água e alimentos foram sendo reduzidas cada vez mais, a amargura das longas noites de insônia foi cavando sulcos profundos em tôdas as faces. Chegou o dia, então, em que era impossível permanecer naquela situação, com a fome rondando as casas e o desespêro mordendo os corações. Jeito outro não havia senão reconhecer a derrota e implorar clemência ao vencedor, suportando a humilhação...



2 — O harém... Ali estava a sua perdição, murmuravam os inimigos do rei, repetiriam séculos mais tarde pesquisadores e historiógrafos vários. Realmente, Sardanapalo vivera práticamente encerrado no seu harém, entregando-se a orgias, a uma libertinagem cuja descrição simplória, feita por Wesseling, é bastante para fazer corar mesmo um pecador empedernido. Não lhe faltava coragem nem audácia, porém, e sabia ser homem de ação quando as circunstâncias o reclamavam. Raramente, porém, se decidia a agir. Preferia aguardar os acontecimentos, entre festas e divertimentos os mais variados.



5 — Solene, com a grandeza e a majestade dos seus melhores dias, Sardapalo deixou o harém vestido com as suas mais ricas túnicas. Seguiam-no tôdas as suas mulheres; escravas conduziam nos braços os seus maiores tesouros. A um gesto, os servos auxiliaram-no e às suas espôsas, a galgar o enorme monte de lenha que mandara ajuntar. A seus pes foram colocados preciosos objetos. Uma ordem curta e o fogo principiou a lamber a madeira, subindo ràpidamente. Em breve, gritos atrozes ouviam-se muito longe e o cheiro de carne queimada empestava o ar

Os Assírios

«CÊRCA de 400 anos antes de Cristo, a parte inferior da Mesopotâmia era habitada por populações brancas, indo-européias, de língua ariana, os sumerianos. Eram agricultores e pastôres, construíam casas de tijolo e suas edificações eram quadrangulares, com andares superpostos em recuo.

Torneavam utensilios e vasos artísticos, trabalhavam metais. Viviam em cidades que se guerreavam entre si pela supremacia (Ur, Larsa, etc.).

Muitos séculos ficaram ao abrigo das invasões. Em Nipur, o templo do deus En-lif foi a suposta tôrre de Babel.

Povos semitas, entretanto, ocupavam as abas do Crescente Fértil, entre o Gôlfo Pérsico e o delta do Nilo. Fundaram, também, cidades, instalaram-se na zona de Accad, rechaçando os sumerianos, no III século. Eram nômades, malpreparados para a vida sedentária, e adotaram a civilização mais adiantada dos sumerianos. Foram semitas que estabeleceram o primeiro reino de Babilônia.

Outros semitas vindos do Norte, também subjugaram os sumerianos, fundaram as cidades de Assur e Nínive e adotaram a civilização sumeriana: os assírios. Eram montanheses rudes, afeitos à guerra, que tinham aprendido com os hititas o uso do cavalo.

Estas diferentes invasões sucessivas da Mesopotâmia por povos indo-europeus, e mais tarde por povos semitas, permitem distinguir três fases da história da região:

- a) Os reinos antigos da Babilônia, desde as origens até o ano 1925 a. C.:
- b) O reino da Assíria, do VIII e VII séculos, destruído por invasões indo-européias e de nórdicos;
- c) O Novo Reino da Babilônia, destruído, por sua vez, pelos persas.

O primeiro Reino da Babilônia estendeu-se do Irã à Síria. Sua capital era Babilônia e Marduk passou a ser o deus supremo da região tôda.

O representante mais glorioso da dinastia de Amuru foi Hamurábi, príncipe que reinou mais de quarenta anos e deu a seu país uma administração regular e uma legislação sábia. Em religião foi reformador, suprimiu os cultos dos deuses rivais em proveito de Marduk.

Depois de dois séculos de existência, a monarquia de Hamurábi foi destruída pelos hititas (1806 a. C.).

A queda da Babilônia foi seguida de longo periodo de anarquia durante o qual, na Mesopotâmia, reis cassitas estabeleceram seu dominio sôbre a região e entraram em relações políticas com os egípcios e outros vizinhos.

Levantava-se naquele tempo, nas montanhas do Norte, uma nova monarquia semita, a princípio vassala de Babilônia. Era Assur, a sua capital primitiva. Formados num clima mais rude, eram os assírios guerreiros cruéis nas suas vitórias. Aproveitando-se do enfraquecimento de seus vizinhos, hititas, cassitas, babilônios e outros, organizaram o primeiro grande império que apareceu na História.

Serviu de instrumento a esta obra o exército mais aperfeiçoado da antiguidade oriental: dos hititas tinham aprendido o uso do cavalo de guerra e constituído forte cavalaria. A ela foram devidas suas maiores vitórias. As primeiras conquistas realizadas no século XIII antes de Cristo levaram os assírios contra os hititas e contra a Babilônia, que subjugaram. País essencialmente continental, sem aberturas para os mares, a Assíria precisava de expansão e visava, ao mesmo tempo, ao Gôlfo Pérsico e às costas do Mar Mediterrâneo.

Daí as hostilidades que sempre mantiveram com os povos semitas que já ocupavam terras nestes setores do Oriente Próximo.

Os vultos mais notáveis que dirigiram os destinos assírios foram: Teglat-Falazar, que tomou aos hititas o pôrto fluvial de Carquemis, sôbre o Eufrates, e alcançou o Mediterrâneo, apoderando-se do pôrto sírio de Arad. Este rei fazia guerras de extermínio. Contra êle e seus sucessores revoltaram-se os babilônios.»

DELGADO DE CARVALHO

«História Antiga e Medieval».



DA HUMILDE CASA DE BARRO, COBERTA DE PALHA, EDIFICADA POR MANUEL DE PAIVA E ANCHIETA, EM JANEIRO DE 1554, SURGIRIA A GRANDE METRÓPOLE SUL-AMERICANA, UM DIA...



3 — Ao mesmo tempo que, como sempre fizeram, iniciavam intenso trabalho de educação, verberavam os padres certos maus costumes de alguns colonos seus vizinhos, cujas existências eram por demais livres. O fato, naturalmente, acarretou-lhes certa antipatia, principalmente entre os descendentes de João Ramalho e vários mamelucos. Não tardaram os índios mansos, porém, e muitos dos colonos que habitavam a vizinha povoação de Santo André da Borba do Campo, a desertarem aldeias e vilas, para estabelecerem residência junto à Casa de São Paulo.



1 — « . E aqui estamos, às vêzes mais de vinte dos nossos, numa barraquinha de caniço e barro, coberta de palha, longa de 14 pés, larga 10 É isto a escola, a enfermaria, o dormitório, refeitório, cozinha, dispensa». Assim escrevia José de Anchieta a Santo Inácio, referindo-se à recente fundação de uma casa jesuítica nas planicies de Piratininga. Construída a palhoça entre os ribeirões Tamanduatef e Anhangabaú, a quase uma légua do rio Tieté, nela instalaram-se os religiosos, celebrando sua primeira missa a 25 de janeiro de 1554, dia de São Paulo.



4 — O estabelecimento principiou a prosperar. A vila de Santo André foi extinta. E São Paulo, que desde 1557 estava elevada à categoria de vila, passou a ser, em abril de 1683, capital da Capitania de São Paulo, datando de então seu crescimento progressivo, apesar dos percalços a que estava exposto quem se decidisse a empreender a perigosa viagem do litoral a Piratininga. Nas velhas Atas da Câmara de São Paulo (cidade desde 1711) pode-se ver o trabalho que deram aos «homens bons», as onças, notadamente uma, de grande voracidade.



2 — Não fôra sem grandes dificuldades que, atendendo à recomendação do provincial, padre Nóbrega, haviam conseguido êles, erguer a choça. Tiveram que transpor a Serra do Cubatão, pela trilha aberta pelos tupiniquins, o chamado «caminho dos índios» (depois «caminho do padre», «caminho do mar», hoje «Via Anchieta»). E depois trabalhar àrduamente, auxiliados pelos índios e alguns colonos. Eram 13 religiosos, chefiados pelo padre Manuel de Paiva, que foi quem escolheu o lugar da construção, assistido pelo jovem irmão Anchieta, recém-chegado ao Brasil.



5 — Os animais infestavam o «caminho do mar», e várias vêzes a Câmara teve que convocar os habitantes da cidade para uma verdadeira guerra aos felinos... Mas do hum mílimo colégio de «sopapo», coberto de palha, onde alguns jesuítas pacientemente ensinavam os selvagens em seu próprio idioma, nasceria o Estado e capital do café, unidade da que o Brasil se orgulha, centro econômico mundialmente conhecido, senhora do primeiro pôrto da América latina, o que vem confirmar aquêle velho ditado de que as origens humildes são as que oferecem resultados grandiosos...

o Colégio de Piratininga

«OS missionários lançaram a bênção, recebida de joelhos, entre profundo silêncio. Disseram depois palavras de carinho e piedade, pediram o favor do céu para os campos-largos, para o arraial e suas lavouras, para os homens bons, o país todo...

Em seguida falou o padre Manuel de Paiva; que ali, no planalto, fronteirando as matas virgens e a colonização, o trigrama da Companhia iria resplandecer num templo e num colégio. Escola, para a cura dos cérebros, igreja para a cura das almas. Esse colégio e êsse templo cresceriam, dilatar-se-iam, destacariam a massa, de grande fortaleza pacífica, na dobra do terreno, e para o céu brasíleo tirariam, como uma prece perene, a cruz da salvação. À sombra da casa jesuítica todos se abrigariam, homens, mulheres, os índios dóceis, os gados espalhados por Piratininga, até as feras da planície, porque era a casa de Deus.

Como se albergaram contava Anchieta, para o reino: «Aqui se fêz uma casinha de palha, com uma esteira de canas por porta, em que moraram algum tempo bem apertados os Irmãos; mas êste apêrto era ajuda contra o frio, que naquela serra é grande, com muitas geadas».

Não houve quem não trouxesse a sua pedra à fundação do colégio, sôbre o pontal da confluência do Anhangabaú e do Tamanduateí, numa das colinas em que pregueia o campo, precisamente na mais alta, onde os moradores se postariam sobranceiros aos ataques da gentilidade.

O dia marcado para o primeiro golpe de alvião na terra montuosa foi o da festa do apóstolo São Paulo.

Humildemente alvitrou José que se batizasse o colégio, o sítio, a povoação, com o nome do maravilhoso latino. E repetia, num contentamento delicioso, expansivo como uma criança, a carregar o cascalho britado, as pasadas de cal e os baldes d'água terrosa, que a Companhia escrevia para o santo com tijolos e pedra a derradeira epístola do seu missal... São Paulo!

Que sonho formoso não adejou naquela noite friorenta sôbre a fronte cansada do irmão José, abatido como um operário, após a lida intensa, no catre de tábuas.

A paz infinita de sua alma abrir-se-ia numa flor de profecia, da mais suave fragrância, e aos olhos do espírito se agigantariam os andaimes rudes, avultariam as paredes, tôrres mais altas do que a serra, sôbre São Vicente, aninhariam no céu os campanários brancos e o pobre colégio inaciano, tosco albergue do sertão desataviado e frigidíssimo, se transformaria na mole babilônica de uma cidade, tão ampla, tão subida, tão bela, que as águas corredoras do Tieté remanchavam a marcha, refluíam, paravam de pena a deixar-lhe os alicerces d'ouro.

E nos seus retábulos ricos, feliz e serena, a forma branda do orago se adelgaçava, enevoava-se, esvanecia-se, para cobrir tôda a terra com o gesto protetor de sábia e cristã amizade, que outrora suspendera sôbre gregos dissolutos... São Paulo!

Enquanto ensinava gramática no colégio de Piratininga, escrevia José catecismos, vocabulários, diálogos sôbre a doutrina, em tupi, cujos segredos assim aprofundara em breve tempo. Eis senão quando sobe do litoral até o planalto um grande clamor de mêdo e os homens de São Vicente, com os olhos virados para os padres, pedem que os defendam dos bárbaros tapuios. Realmente, os amotinados maromonis, numa côrte escura, assoprando as inúbias roucas, tinham chamado às armas as populações da floresta e cercayam Bertioga.»

PEDRO CALMON

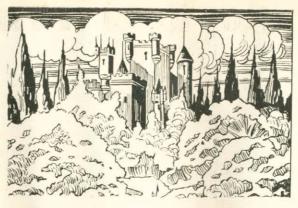
«Anchieta, o Santo do Brasil».



SÓBRE EMINÊNCIAS DOMINADORAS ER-GUIAM-SE OS LARGOS MUROS DESTI-NADOS A RESISTIR AOS IMPETUOSOS ATAQUES GUERREIROS, PERMANENTE-MENTE EM ESTADO DE ALERTA



3 — Sôbre as muralhas de pedra eram construídos, de espaço a espaço, tôrres e ameias que permitissem vigiar e permitissem atacar quantos se aproximassem. Fossos externos, de grande profundidade, cheios de água, completavam geralmente a obra de fortificação, embora muitos castelos não os tenham possuído, notadamente os que ficavam sôbre elevações de altitude apreciável, mesmo porque, em tais casos, se fazia desnecessária essa medida suplementar de proteção. A altitude representava, por si só, uma parreira a qualquer investida.



1 — A origem das poderosas fortificações que principiaram a declinar com a utilização da pólvora, mas que ainda existem, desafiando o passar do tempo, em diferentes países da Europa — França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Espanha — perde-se na poeira do tempo. Sob a proteção dos castelos, com suas cintas de muralhas, principiaram a nascer as povoações antigas, que se transformaram em cidades. Para edificar um castelo, porém, fazia-se necessário, prèviamente, uma elevação de terreno, um lugar alto de onde fôsse mais fácil a defesa.



4 — Foi durante a Idade Média que teve lugar a construção de maior número de castelos. A partir do ano de 960, raro foi o nobre que não possuiu residência fortificada, esmerando-se todos, então, na construção de pontes levadiças que tornavam os castelos verdadeiras cidadelas herméticas. Segundo Monteil, existiram, sòmente na França, cêrca de quarenta mil dêsses recantos fortificados, guarnecidos, em sua totalidade, por aproximadamente citocentos mil homens de guerra. Tais números mostram a importância do castelo na antiguidade



2 — Era sempre, com efeito, sôbre as eminências dominadoras, sôbre rochas a prumo, que eram construídos os largos muros destinados a resistir aos impetuosos ataques guerreiros. Quando a região, onde se decidira construir o castelo, não oferecia elevações, o homem, com suas mãos e sua inteligência, formava grandes terraplanagens, num trabalho de criação de verdadeiros outeiros artificiais para o qual eram mobilizadas centenas de trabalhadores, cuja dedicação não conhecia limites, cuja energia era admirável e que realizavam, sempre, obra perfeita.



5 — Grandes pátios, onde se adextravam os cavaleiros, sob a fiscalização do castelão, quase sempre em luta com os vizinhos; imensos depósitos de armas; celeiros de proporções gigantescas onde era guardado o produto dos saques e das extorsões — o botim, enfim — completavam, internamente, o Castelo, símbolo de segurança, mas símbolo, também, de violência e despotismo que só principiou a declinar com o aparecimento da artilharia, que foi tornando cada vez mais inúteis aquelas muralhas de pedra, de imponente e ameaçador aspecto...

Castelos e Castelões

«EM sua origem, o castelo foi de grande simplicidade, sendo, a rigor, apenas um campo fortificado onde, em caso de perigo, os camponeses poderiam abrigar-se com seus rebanhos. Era, êsse campo, defendido por um fôsso e uma palissada construída de sólidos troncos de árvores.

Geralmente, êsse campo fortificado era construído no alto de qualquer elevação, onde as escarpas, difíceis de atingir, constituíam excelente meio de defesa natural.

No século XI a pedra veio substituir a terra e a madeira na construção dos grandes recintos fortificados, que a partir de então, e até a décima-quinta centúria, foram sendo aperfeiçoados. O parapeito e a palissada cederam lugar a uma alta muralha provida de um «caminho de ronda», isto é, um espaço pelo qual caminhavam, dia e noite, as sentinelas encarregadas da vigilância constante dos arredores e de anunciar a aproximação de qualquer desconhecido.

Para reforçar o poder defensivo da muralha, foi ela, aos poucos, sendo provida de tôrres, primeiro erguidas nos ângulos, depois nos flancos. Essas tôrres eram bastante espaçosas e compreendiam salas onde eram alojados homens de armas ou grandes armazéns. O ingresso no castelo verificava-se através da ponte levadiça, que, quando erguida, isolava a construção de qualquer comunicação com o exterior.

Num recinto fortificado, no interior dos castelos, ficava a habitação do castelão ou senhor, constituída por grandes salas providas de imensas lareiras nas quais seria possível assar um boi ou queimar tôda uma árvore.

A mesma peça servia de sala de estar, sala de jantar e, muitas vêzes, de quarto de dormir. Mesas, bancos, aparadores, armas, tudo se encontrava em tais salas, que só ao tempo das Cruzadas começaram a apresentar algum luxo e algum confôrto, pois que, a princípio, a idéia de segurança substituiu qualquer outra preocupação.

As guerras, os torneios, as caçadas constituíam as principais ocupações dos castelões, sendo a guerra, porém, a ocupação favorita, a mais estimada e desejada. Homens violentos, naturalmente bravos, desde cedo preparados para a luta, era natural que considerassem a luta armada como a verdadeira razão de ser da vida.

Tanto era assim, que a maior desgraça que lhes poderia acontecer seria morrer plàcidamente, no seu leito, de qualquer enfermidade, como «um animal», segundo a linguagem da época. Porque, o que todos desejavam era a morte em combate, morte gloriosa, diziam, que daria que falar aos contemporâneos e às gerações futuras...

Os pretextos mais simples serviam aos senhores para declarar guerra aos seus vizinhos.

Era pela primavera, geralmente, que tinham início os grandes choques armados. Começava-se por destruir as colheitas do adversário, aprisionar os camponeses ou passá-los a fio de espada. Quando havia encontros ou choques, os lutadores procuravam fazer prisioneiros, em vez de matar, porque prisioneiros significavam riqueza, uma vez que sua libertação dependia, sempre, do pagamento de uma soma importante, chamada «resgate».

Os torneios, em que, durante a paz, se empenhavam os castelões, foram, em sua origem, verdadeiras batalhas entre exércitos. No tempo de Filipe Augusto, na França, um torneio em Lagny sôbre o Marne, reuniu nada menos de três mil cavaleiros de todo o país, o que bem mostra a importância de tais «divertimentos». Eram freqüentes as mortes e muito numerosos os feridos, nesses torneios onde os cavaleiros se adextravam, experimentavam suas armas, seus golpes, sua estratégia.

Tal qual acontecia nas guerras, faziam-se prisioneiros nos torneios.

E êsses «prisioneiros de torneio» tinham, também, que adquirir a liberdade pagando altos resgates...

A. MALLET

«La Societé au Moyen Age».



NÃO FOI, APENAS, NA COMPOSIÇÃO DE BATALHAS QUE SE TORNOU GENIAL O MENINO POBRE DE AREIAS. NA VER-DADE, ÊLE FOI MESTRE EM TODOS OS GÊNEROS DA PINTURA



3 — Trazido para o Rio e matriculado no Colégio Pedro II, em 1854, e pouco mais tarde na Escola de Belas Artes, graças à proteção do imperador, que sempre amparou os que tinham talento, Pedro Américo não tardou a ser apelidado de «papa medalhas» pelo granse Pôrto Alegre, devido ao fato de conquistar, sempre, durante o curso, as medalhas oferecidas como prêmio. Mas Pedro Américo é apresentado, sempre, como pintor de batalhas, unicamente.



1 — No ano de 1852, a pequenina cidade de Areia, na Paraíba do Norte, foi agitada por um grande acontecimento que vinha quebrar a invariabilidade monótona dos dias e das noites. Uma expedição científica, chefiada pelo francês Luis Jacqes Brunet, naturalista, ali se acomodara para passar algum tempo, estudando a fauna e a flora locais. A expedição vinha precedida de fortes recomendações, tinha grandes planos, projetava grandes realizações, mas apresentava uma falha, bastante séria: não possuia um desenhista. E um desenhista, numa expedição do gênero, era indispensável.



4 — «A Proclamação da Independência», as batalhas de Campo Grande, Avaí, o Passo da Pátria são, de modo geral os quadros sempre invocados quando se fala em Pedro Américo. Esquece-se que êle foi, também, um artista imensa e profundamente humano — um grande pintor do humano com suas dores e suas fraquezas. Retratista também o foi o mestre que com Vítor Meireles tão alta e expressivamente representa a pintura brasileira. Em várias de suas telas o artista colocou um profundo sentimento de vida intensamente vivida, que chega a assombrar pela exatidão, pela expressão dos personagens.



2 — Por isso mesmo grande foi a alegria de Luis Brunet ao ter conhecimento da existência, ali, de um menino que «desenhava admirávelmente». Menino do qual êle não tardaria a se aproximar, conseguindo do presidente da Província a nomeação do mesmo como desenhista oficial da expedição. Menino bem menino, pois contava apenas nove anos de idade, dado que nascera a 29 de abril de 1843. Seu nome haveira de marcar uma época gloriosa da pintura brasileira e o advento de uma escola. Pedro Américo de Figueiredo e Melo, chamava-se o pequenino desenhista da expedição naturalista de Areia



5 — «O Noviciado», grande tela de 2.20 m x 1.46 m, pintada em 1894, e hoje em poder de descendentes do artista, é o mais alto atestado dessa humanidade de Pedro Américo. Como disse Júlio Dantas, «nunca o talento de Pedro Américo subiu mais alto do que nesse quadro tão simples». De fato. «O Noviciado» não impressiona, apenas, pelo romantismo que o anima, mas pela técnica de sua execução, que é magistral. Que as novas gerações saibam que Pedro Américo toi grande em todos os gêneros de pintura, pois a todos dominou, em todos revelou talento imenso e admirável sensa de proporção.

O Pintor Pedro Américo

*DEPOIS de três anos de estudos em Paris, foi visitar a Inglaterra, tentou uma viagem à Escócia, voltando a Paris, onde recebeu comunicação de haver cessado a pensão imperial.

Regressando ao Rio de Janeiro em 1864, disputou na Academia a cadeira de Desenho, que obteve com a tela «Sócrates afastando Alcebíades dos bracos do vício». Pintou depois «Petrus ad Vincula» e deu os últimos retoques na «Carioca». Voltou à Europa (1865) e trabalhou com o entusiasmo invulgar de sempre, fazendo «São Marcos», «Visão de São Paulo» e «A cabeça de São Jerônimo». Visitou vários países, re-Gebeu o grau de doutor em ciências sociais, a 21 de julho de 68, em Bruxelas, e em 1870 regressou novamente ao Rio, agora casado com uma filha de Pôrto Alegre, cônsul em Lisboa, e iniciou o período de 1870 a 1873, o de maior fecundidade e trabalho, executando as grandes telas de assunto histórico e militar, como «Batalha de Campo Grande», «Ataque da Ilha do Carvalho», «Retrato Eqüestre do Duque de Caxias», retratos de Pedro I e Pedro II, e a «Batalha do Avaí» (concluída em Florença em 1877), a maior tela de cavalete pintada até hoje no Brasil, a mais importante de assunto guerreiro e uma das mais notáveis da arte moderna, no conceito universal.

Quando exposta em Florença, centenas de jornais teceram-lhe os elogios mais consagrativos.

A «Arte», de Roma, disse que a «Batalha do Avai» dotou o mundo artístico de uma obra insigne, que a bem poucos é concedido realizar; a «Itália Artística» chama Pedro Américo «potente engenho»; para a «Revista Italiana», o quadro é «um verdadeiro poema». Sem nenhuma confusão ou incerteza, o espectador pode abraçar nesse quadro um espaço vastíssimo e milhares de combatentes. Os principais grupos são admiràvelmente dispostos. O colorido estupendo e a luz permitem ver tudo girar em tôrno das figuras e das massas, ao passo que tôdas aquelas figuras marciais parecem estar se movendo, combatendo realmente, tal é o corpo e o relêvo que têm, tanta vida e alma há neles.

Após a crítica mais rigorosa da tela de Pedro Américo, estupenda em valor e das maiores de cavalete já executadas no mundo, o autor da «Arte Brasileira» escreveu: «O conjunto, apesar dos defeitos, é vigoroso, grande, vivo, admirável. E' um quadro de batalha, êsse que aí está e que com tôda a imparcialidade constitui a maior obra de arte que o Brasil possui.»

«Não conheço no Brasil quadro de cavalete de maior fôlego do que êsse», disse Araújo Viana. Quando exposto em Florença, durante as festas comemorativas do centenário de Miguel Ângelo, a «Batalha do Avaí» não mereceu sòmente os maiores elogios, como o seu autor recebeu a glória de ver o govêrno italiano mandar colocar o seu retrato na sala dos pintores célebres da «Galleria Nazionale degli Uffizzi».

Em 1855 estava novamente no Rio, reassumindo o exercício de sua cadeira. Em 1887, novamente na Europa, pintou «Proclamação da Independência» para o Estado de São Paulo, expondo-o em Florença a 8 de abril de 1888. Novamente na Itália, pintou em 89-90, «Voltaire abençoado o neto de Franklin» e regressando ao Brasil foi eleito deputado federal, deixando de vez a residência em Florença.

Voltando por motivo de moléstia à Itália, que tanto amou, pintou «Tiradentes Esquartejado», o «Noviciado», «Paz e Concórdia», que foi o seu último trabalho.

O grande mestre paraibano faleceu em Florença a 7 de outubro de 1905, dois anos depois de Vítor Meireles, seus restos repousando em Cabedelo.

Foi pintor biblico, de batalhas e de história, retratista e decorador, sua glória maior se fixando no gênero bíblico.»

CARLOS RUBENS

«Pequena História das Artes Plásticas no Brasil».



«O QUE INTERESSA A TODOS DEVE POR TODOS SER DECIDIDO», PROCLAMOU EDUARDO I, CONVOCANDO PARA O PARLAMENTO, CONTRA O COSTUME, HOMENS QUE NÃO ERAM DA NOBREZA



3 — O que interessa a todos deve ser por todos aprovado ou decidido, proclamou êle ao convocar as classes produtoras para a tarefa de fixação do abastecimento. Em 1297, pelo documento denominado Confirmação das Cartas, limitou considerávelmente o poder real, o próprio poder. Pela primeira vez ficava impedido o rei de decretar impostos que não houvessem sido aprovados pelo Parlamento. Já antes de 1297 estabelecera êle que as propriedades da Igreja estavam sujeitas a taxação, como quaisquer outras, resistindo a várias súplicas.



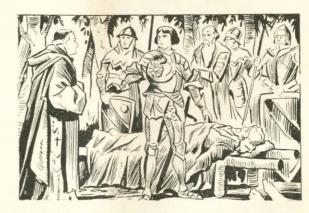
1 — Em 1272 a Inglaterra se tornara um Estado, esperando, para desenvolver-se, um soberano inteiramente inglês que a conduzisse à realização do grande destino previsto e sonhado por muitos. Semelhante rei surgiria na pessoa de Eduardo I, nascido em 1239 e coroado em Westminster naquele mesmo ano de 1272. Imediatamente o novo soberano tratou de submeter o País de Gales e a Escócia, castigando quantos se opunham aos seus projetos, guerreando sem piedade os inimigos de suas idéias, que não poupou em hipótese alguma, sem piedade.



4 — A criação de uma justiça de paz e de regulamentos de comércio que permitiram ao país completo desenvolvimento econômico, foram outros trabalhos notáveis de Eduardo I Sua obcessão era a Escócia, que não lhe perdoava a crueldade e os ultrajes, levantando-se freqüentemente contra o seu govêrno. Em 1306, irritado contra Bruce, que pretendia a Coroa escocesa, decidiu êle fazer a guerra. Erguendo-se do leito de enfêrmo que guardava havia vários dias, marchou para o Norte à frente de seus exércitos, dispostos a conquistar nova vitória



2 — Ao lado de defeitos sérios, dos quais a crueldade foi o maior, Eduardo I possuía qualidades notáveis, havendo merecido realmente α designação que lhe deram de Justiniano da Inglaterra — designação sancionada pelos maiores historiadores britânicos. Isso porque foi êle o criador de instituições verdadeiramente notáveis, como α Câmara dos Comuns, ou seja α assembléia que possibilitou o ingresso no Parlamento, contrariando o costume, de homens que não pertenciam à nobreza, e que passavam, assim, a decidir, também, dos destinos da pátria.



5 — Seria sua última campanha. Na fronteira de Burgh-on Sambs expirou, a 7 de junho de 1307, arrancando, antes, de seu filho, a promessa de que seus restos mortais acompanhariam o exército até α completa derrota dos escoceses — juramento que não foi cumprido por aquêle que seria Eduardo II, e que se revelaria a antitese do pai, pois foi, sempre, fraco e irresoluto em tudo, deixando-se conduzir com extraordinária tacilidade, hesitando sempre nas decisões a tomar, mesmo em se tratando das coisas mais triviais da existência. Foi, realmente, um fraco, o filho de Eduardo I.

Política Inglêsa

«A monarquia nacional na Inglaterra remonta ao reinado de Henrique II (1554-1589), descendente do introdutor do feudalismo nesse país.

O feudalismo introduzido na Inglaterra já continha em suas entranhas o germe do nacionalismo, pois, além do juramento obrigatório prestado pelos senhores ao suzerano, a cunhagem das moedas constituía prerrogativa real.

Henrique II abateu o prestígio dos barões, demolindo os castelos edificados sem o seu consentimento, lançando impostos sôbre a renda ou a propriedade da nobreza e centralizando as instituições do poder judiciário.

Quando subiu ao poder um dos filhos de Henrique II, os barões, aproveitando-se dos reveses sofridos pelo mesmo, impuseram, em 1215, a assinatura da «Magna Carta», contrato pelo qual o rei se comprometia a respeitar os direitos tradicionais de seus vassalos.

Nascera, assim, o princípio de govêrno delimitado pela lei, que seria o futuro regime da monarquia constitucional. Mais tarde, ao tempo de Simão de Monfort, a limitação dos poderes da Coroa foi assegurada por uma assembléia convocada em 1265, na qual tomaram parte os nobres, o alto-clero, os representantes dos condados e os delegados das cidades mais importantes. Decorridos trinta anos, êsse parlamento tornouse o órgão consultivo do govêrno, e, em seguida, a sua câmara legislativa.

A revolução comercial, o progresso do urbanismo e a escassez do trabalho foram os fatôres mais importantes do enfraquecimento feudal.

A «Guerra dos Cem Anos» aumentou os recursos reais. Com a morte e a ruína de numerosos nobres, na «Guerra das Rosas», a resistência dos barões é vencida afinal e Henrique VII solidifica o poder central.

O absolutismo — O declínio do regime senhorial foi proveniente de diversas mudanças econômicas verificadas no fim da Idade-Média

(o progresso do urbanismo, o nascimento da burguesia, o regime corporativo, a eliminação e ruina da nobreza ocupada com as Cruzadas, a criação dos exércitos profissionais). Todos êsses acontecimentos levaram à formação das monarquias nacionais, e, depois, à constituição dos governos absolutos.

Foi, sobretudo, a revolução comercial que permitiu o fortalecimento das monarquias. A fundação dos impérios coloniais e a realização da política mercantilista forneceram aos reis — diz Burns, a quem repetidamente recorreremos — os elementos indispensáveis à prepotência: o dinheiro para equipar exércitos e armadas. Além disso, os mercadores, banqueiros e industriais ainda não se sentiam inteiramente preparados para enfrentar os numerosos inimigos do comércio (a pirataria, por exemplo), sendo-lhes mais conveniente o apoio e o beneplácito dos reis.

Também a reforma protestante contribuiu no sentido do fortalecimento da monarquia por ter quebrantado a unidade e o poderio universal da igreja romana.

A atitude autocrática dos governos, do século XVI ao XVIII, fôra encorajada por numerosas teorias e opiniões expressas pelos filósofos, entre os quais se contavam Jean Bodin, Thomas Hobbes e Hugo Grotius.

Os mais notáveis foram os dois últimos. Hobbes, no «Leviatã», símbolo do estado-monstro todo-poderoso, não reconhecia qualquer lei natural ou divina que pudesse delimitar a autoridade do príncipe.

Grotius, considerado o fundador do Direito Internacional, também preconizava a obediência cega do povo ao govêrno. No tempo do despotismo pensava-se realmente que o rei era o Estado.»

ESTÊVÃO PINTO «História» — 2ª série colegial.

SUMÁRIO DO NÚMERO 7

A ESTRADA DO SACRIFÍCIO	193
Os transportes na Amazônia — Aroldo de Aze-	
yedo	194
AS LEIS DE LICURGO	195
Licurgo — Plutarco	196
NÃO SE MATA A LIBERDADE	197
Líbero Badaró — Viriato Correia	198
CATARINA HOWARD	199
Henrique VIII	200
A FILHA DE ARCO-VERDE	201
O sacrifício do prisioneiro — Mário da Vei-	202
ga Cabral	
KONG-FU-TSE'	203
A religião de Confúcio — Sérgio Macedo	205
O barão de Catas Altas — Viriato Correia	206
SANGUE E AREIA	207
A tourada — Alfredo Mesquita	208
UM GESTO DE ELEGÂNCIA	209
Prudente	210
MITRIDATES	211
O rei toxicologista	212
PRIMEIRA CASA DE BRANCO NO BRASIL	213
A casa brasileira de outrora — Sérgio Macedo	214
A MORTE DE MARIA ANTONIETA	215
Maria Antonieta — Blanc	216
LUNDU	217
O lundu no Brasil e em Portugal — Renato Al-	0.0
meida	218
A GUILHOTINA	219
O Terror — A. Alba	220
BATISTA DA COSTA	221
Batista da Costa — Carlos Rubens	222
LEQUES	223
A respeito de leques — Sérgio Macedo	224

A ARTE DE ESCREVER

Pelo Prof. A. TENÓRIO D'ALBUQUERQUE

O seu livro é um guia para os que transitam no país das letras. Carinhosamente, êle mostra os caminhos certos para que ninguém se perca. São esplêndidas de ensinamentos as considerações sêbre o estilo, a prolixidade, a nafuralidade, a originalidade, o purismo excessivo, etc. Nas livrarias — Cr\$ 50,00. — CONQUISTA — Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

SUMÁRIO DO NÚMERO 8

UM PATRIOTA NÃO FOGE	225
A Revolução de 1817 — José Ferreira da Costa	226
NAPOLEÃO EM SANTA HELENA	227
Santa Helena — Ch. Moreau-Vauthier	228
ATENTADO CONTRA O IMPERADOR	229
O Democrata Pedro II - Viriato Correia	230
O JULGAMENTO DE FRINÉIA	231
A Respeito de Frincia — J. Supert	232
A NOMEAÇÃO DE PASSOS	233
O Grande Pereira Passos — Luís Edmundo	234
GAUTAMA, O BUDA	235
O Bramanismo — S. Périssé	236
MARIA QUITÉRIA	237
A Guerra da Independência — Ari da Mata	238
A TORRE DE LONDRES	239
Londres - Alfredo de Mesquita	240
O MOTIM DO QUEBRA-QUILOS	241
O Sistema Métrico - Melo Barreto Fº e Herme-	
to Lima	242
A OPERA	243
Nasce a Opera — Enciclopedie des Gens du	244
Monde	245
SAL, FERRO E PÓLVORA	246
As Fazendas — Pandiá Calógeras	247
SARDANAPALO	248
Os Assírios — Delgado de Carvalho	249
A CASA DE SÃO PAULO	250
O Colégio de Piratininga — Pedro Calmon	251
O CASTELO	252
Castelos e Castelões — A. Mallet	253
PEDRO AMÉRICO	254
O Pintor Pedro Américo — Carlos Rubens	255
O POVO NO PARLAMENTO	256
Política Inglêsa — Estêvão Pinto	400

ASSINATURAS

Já ninguém duvida, hoje, da vitória plena de SELEÇÕES DA HISTÓRIA. Por isso, e sómente agora, resolvemos aceitar as centenas de podidos de assinaturas de loitores que nos têm escrito nesse sentido. Preços:

| Semestral (seis números) | Cr\$ 60.00 | Anual (doze números) | Cr\$ 120.00

Começarão em qualquer número, inclusive atrasados, à vontade do assinante, sendo remetidos sempre sob registro postal para evitar extravios. Pagamentos pelo Reembôlso Postal ou qualquer outra forma que convenha ao assinante. Pedidos à editora CONQUISTA, Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

PRÓXIMOS NÚMEROS

Histórias do Brasil

Canudos A rainha louca Como nasceu o samba O Padre Voador Suplicio de Frei Caneca O gênio da sinfonia A Luta dos Frades Mestre Valentim O principe Obá Imperatriz do encantamento A morte do Padre Roma A decisão de Deodoro Contra o Imperador Corda para a fôrca A ditadura do Tijuco Felipe dos Santos Um patriota não foge A Majoridade Os restos de Fernão Dias A Revolução da Vacina O hino nacional A prisão de Tiradentes A conquista da Guiana Os caetés Palmares A âncora de Tamandaré A Abolição O sabre de Euclides Mãe-preta de Castro Alves O Baile das Rosas Nisia Floresta Da cadeirinha ao tílburi As pastorinhas de Natal O crime da Ponte do Catete A bala de ouro A Marinha adere à República As ligas na bandeira A Inquisição chega ao Brasil A prisão de Bequimão Chiquinha Gonzaga Bandeira do Parnaíba A rua colonial O Governador casamenteiro Entrudo e limões de cheiro

O quartel do campo

Histórias do Mundo

Agripina, mãe de Nero Lady Godiya Angkor, a cidade perdida O cêrco de Malta Clodius e Pompéia A Bastilha Múcio Scévola salva Roma Carlota Corday Aventura de Luís XV O adeus de Washington Sarmiento, o educador Bach, o gênio da música Rosas, o gaúcho ditador Nasce o império alemão Catão, o censor O copo de sangue Gomez, «El beneménto» Eleonora de Aquitânia Os trovadores Jane Grey O destino é Améric «La Giralda» Semiramis Incêndio de Persépolis Espelhos de Arquimedes Trágica aventura Era de Elisabete A cavalaria O Ramaiana A dama da lâmpada Petróleo Uma criada de quarto Os trovadores A burguesia Pelópidas Alarico incendeia Roma Ekaterina Alexândrovna Juarez Tapête Cafés Ransés II faz a paz A morte de Cícero O grande amor da rainha Vitória A morte de Sócrates Lênin através da Alemanha Os bois incendiários de Anibal A morte de Augusto O carrasco

